

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ROSILENE GOMES RIBEIRO FRANCISCO

**AS METÁFORAS DO SERMÃO DO MONTE: UNIVOCIDADE E
PLURIVOCIDADE**

São Paulo

2015

ROSILENE GOMES RIBEIRO FRANCISCO

**AS METÁFORAS DO SERMÃO DO MONTE: UNIVOCIDADE E
PLURIVOCIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre
em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Trevisan

São Paulo
2015

F819m Francisco, Rosilene Gomes Ribeiro

As metáforas do Sermão do Monte: univocidade e plurivocidade. / Rosilene Gomes Ribeiro Francisco – 2015.

125 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

Referências bibliográficas: f. 110-116.

ROSILENE GOMES RIBEIRO FRANCISCO

AS METÁFORAS DO SERMÃO DO MONTE: UNIVOCIDADE E
PLURIVOCIDADE

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre
em Letras.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Lúcia Trevisan (Orientadora)
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª. Drª. Maria Luiza Guarnieri Atik –
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Paulo Augusto Souza Nogueira
Universidade Metodista de São Paulo

Aos meus pais, pela oportunidade da vida e pela autodoação; ao meu esposo, pelo incentivo e apoio ilimitados.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em quem vivo, movo-me e existo.

Aos meus pais, pela autodoação constante em sempre me colocar em primeiro lugar.

Ao meu esposo, por tornar essa jornada mais doce com sua compreensão e incentivo.

Ao Fundo Mackenzie de Pesquisa, pelo apoio financeiro.

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida.

À professora Ana Lúcia Trevisan, pela leveza que a cada orientação me motivava um pouco mais.

À professora Maria Luiza Atik, pela participação na banca.

Ao professor Paulo Nogueira, por ter aceitado o convite de participar desta banca.

Aos professores doutores Alexandre Huady Torres Guimarães, Aurora Gedra Ruiz Alvarez, Elaine Cristina Prado dos Santos, Elisa Guimaraens Pinto, Gloria Carneiro do Amaral, Helena Bonito Couto Pereira, Maria Lucia Marcondes C. Vasconcelos, Marlise Vaz Bridi e Neusa Maria Oliveira Barbosa – Por aprimorarem meu conhecimento.

“O invisível torna-se dizível ao se
lançar mão do visível”

Klaus Berger

RESUMO

Esta dissertação, inicialmente, expõe três visões teóricas a respeito da metáfora: a retórica, a semântica e a conceitual e destaca os valores comunicativos dessa figura de linguagem. Tem como objetivo analisar, do ponto de vista pragmático, as metáforas do Sermão do Monte registrado no evangelho de Mateus a fim de avaliar a univocidade; único sentido atribuído a um termo e/ou a plurivocidade; diversos sentidos atribuídos a um termo, dessas figuras de linguagem. A análise aqui proposta considera 18 metáforas encontradas no Sermão do monte, agrupadas a partir das semelhanças de sentido entre elas. Relaciona, para isso, a Bíblia como literatura enumerando as diferentes interpretações históricas do texto metafórico bíblico e o contexto de produção do Sermão do monte.

Palavras-chave: Metáfora; Bíblia; Literatura; Univocidade; Plurivocidade

ABSTRACT

This dissertation, initially exposes three theoretical views about the metaphor: the rhetoric, the semantic and conceptual and highlights the communicative values of this figure of speech. Aims to analyze , from a pragmatic point of view, the Sermon on the Mount metaphors recorded in Matthew's gospel in order to assess the univocal ; single meaning attributed to a term and / or plurivocity ; various meanings attributed to terms , these figures of speech . The analysis proposed here considers 18 metaphors found in the Sermon on the Mount , grouped from the sense of similarities between them. Related to this, the Bible as literature enumerating the different historical interpretations of biblical metaphorical text and the production context of the Sermon on the Mount .

Keywords : Metaphor ; Bible; literature ; univocal ; plurivocity

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro comparativo das metáforas nos evangelhos sinóticos.....74

Quadro 2: Grupos de semelhança entre as metáforas do Sermão do Monte.....77

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1: Termos de comparação entre sal e cristãos.....	81
Esquema 2: Termos de comparação entre luz, candeia e cidade cristãos.....	84
Esquema 3: Termos de comparação entre tesouros e virtudes cristãs.....	89
Esquema 4: Termos de comparação entre candeia e olhos.....	91
Esquema 5: Termos de comparação entre cisco e trave no olho e pecados.....	93
Esquema 6: Termos de comparação entre cães e porcos e hereges.....	97
Esquema 7: Termos de comparação entre pérolas e coisas santas e evangelho....	97
Esquema 8: Termos de comparação entre porta estreita e porta larga e salvação e perdição.....	100
Esquema 9: Termos de comparação entre lobos em pele de ovelha e falsos profetas.....	103
Esquema 10: Termos de comparação entre árvore boa e árvore ruim e profetas falsos e verdadeiros.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS

Ap	Apocalipse
At	Atos dos Apóstolos
Cl	Colossenses
Ef	Efésios
Ez	Ezequiel
Fm	Filemom
Fp	Filipenses
Hb	Hebreus
I Co	1ª Coríntios
I Pe	1ª Pedro
I Tm	1ª Timóteo
I Ts	1ª Tessalonicenses
II Co	2ª Coríntios
II Pe	2ª Pedro
II Rs	2ª Reis
II Tm	2ª Timóteo
II Ts	2ª Tessalonicenses
Jo	João
Lc	Lucas
Mc	Marcos
Mt	Mateus
NVI	Nova Versão Internacional
Rm	Romanos
Tg	Tiago
v.	versículo

SUMÁRIO

1 Introdução.....	15
2 A metáfora: conceitos fundamentais.....	18
2.1 A visão retórica da metáfora.....	18
2.2 A visão semântica da metáfora.....	21
2.3 A visão conceitual da metáfora.....	24
2.4 O valor comunicativo da metáfora.....	29
2.4.1 <i>Metáfora e experiência</i>	31
2.4.2 <i>Metáfora e memória comunicativa</i>	37
3 A metáfora e a Bíblia.....	41
3.1 A Bíblia como literatura.....	43
3.2 Diferentes interpretações da metáfora bíblica.....	51
3.3 Metáfora bíblica e ponto de semelhança.....	56
3.4 Univocidade e plurivocidade da metáfora bíblica.....	59
3.5 Método pragmático de interpretação metafórica.....	66
4 As metáforas no Sermão do Monte.....	71
4.1 O contexto do Sermão do Monte.....	75
4.2 Metáforas de exposição: sal, luz, cidade e candeia.....	77
4.2.1 Sal - <i>αλας</i> (halas).....	79
4.2.2 Luz, cidade e candeia - <i>φως, πόλις e λύχνον</i> (phos, polis e lychnon).....	82
4.3 Metáforas de intenção: tesouros e candeia.....	85
4.3.1 Tesouros - <i>θησαυρούς</i> (thēsaurous).....	86
4.3.2 Candeia - <i>λύχνος</i> (lychnos).....	89
4.4 Metáforas de hipocrisia: o Cisco e a viga no olho.....	92
4.4.1 Cisco e viga - <i>Κάρφος e δοκον</i> (karpfos e Dokon)	92
4.5 Metáforas de hostilidade: Cães, pérolas e porcos	94
4.5.1 Cães, pérolas e porcos - <i>κυσίν, μαργαρίτας e χοίρων</i> (kysin, margaritas e choirōn).....	94

4.6 Metáforas de salvação: porta estreita e porta larga.....	98
4.7 Metáforas de dissimulação: Lobos e ovelhas; frutos e árvores.....	100
4.7.1 Lobos e ovelhas - <i>λύκοι</i> e <i>προβάτων</i> (lykoi e probatōn).....	101
4.7.2 Árvores e frutos - <i>δένδρον</i> e <i>καρπῶν</i> (dendron e karpōn).....	103
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110
ANEXO.....	117

1 Introdução

Esta dissertação propõe uma análise das metáforas presentes no Sermão do Monte a partir de textos da retórica clássica aristotélica, da filosofia linguística de Ricoeur e teorias de algumas metáforas conceituais de Lakoff e Johnson, além de análises hermenêutico-exegéticas de Klaus Berger e Vanhoozer e proposta de interpretação pragmática de Levinson.

O entendimento dos sentidos da metáfora, que se faz ao longo da dissertação, parte de abordagens interpretativas que, ao longo da história, revelam-se dispares, porém, valiosas para uma pluralidade de leituras do texto bíblico.

Abordaremos assim, teorias metafóricas que, pautadas pela tradição retórica, consideram o caráter alegórico da metáfora, em contrapartida, apresentaremos as linhas de interpretação histórico-gramatical que valorizam o caráter unívoco dessas figuras de linguagem pautado no contexto de produção; e ainda, interpretações plurívocas que consideram a característica reflexiva entre leitor e texto o motivo do surgimento de diversos significados.

Pretendemos expor as proposições dessas abordagens interpretativas a fim de mostrar a ampla variedade de interpretação da metáfora a que pode se submeter um texto. Observando isso, notamos que, a depender da preferência hermenêutica para interpretação das metáforas, o texto adquirirá sentido e compreensão diferentes e por vezes divergentes. Esse aspecto torna-se de grande importância ao considerarmos o texto bíblico, tradicional e perene em seu impacto de leitura.

Ainda que o texto religioso anseie em si mesmo por uma liberdade padronizada pela “revelação divina”, não deixa de ser um texto e, portanto, sujeito às técnicas de interpretação textuais possíveis. Essa sujeição textual não desvaloriza o caráter “inspirado” do texto bíblico, antes pode ser uma ferramenta de auxílio a uma interpretação ainda mais comprometida ao se utilizar a interpretação metafórica como ponto de apoio para a análise do texto bíblico.

Outro aspecto importante que destacaremos é que a maneira como se dá a interpretação de textos metafóricos é passível de análise e útil a um grupo específico

e considerável de pessoas que fazem uso do texto bíblico como fonte de estudo e ensino.

Considerando esses aspectos, surge a necessidade de se investigar as possibilidades interpretativas da metáfora bíblica, ou seja, é possível um questionamento a respeito da existência de um significado unívoco pautado no contexto de produção, bem como a existência de um sentido plurívoco, que permite liberdade ao interlocutor para a construção de múltiplos significados? Existem significados que são mais relevantes? Como se constrói a leitura bíblica pautada no entendimento da metáfora?

Para isso, analisaremos, a princípio, os conceitos fundamentais da metáfora, considerando diversas visões que, historicamente, se propuseram a compreendê-la e descrever sua função junto à linguagem e pensamento humano. Além disso, relacionaremos metodologias práticas como sugestão para análise de textos metafóricos. Procuraremos associar tais metodologias à análise da metáfora bíblica considerando as particularidades do texto bíblico.

Ao longo da pesquisa, constrói-se uma reflexão a respeito da possibilidade de se reproduzir hoje o efeito que uma metáfora causou num passado remoto ou, ainda, discute-se quais influências interpretativas deixou a tradição hermenêutica de metáforas bíblicas.

A linguagem figurada está entre os estilos literários que mais frequentemente aparecem nas Escrituras, dentre os quais a metáfora é a mais comum, ela é encontrada em quantidade considerável principalmente nas parábolas, prédicas, doutrinas e símbolos neotestamentários. Dada a amplitude de material a ser analisado, esta pesquisa se limitará apenas à análise de algumas metáforas de um texto específico do Novo Testamento: “O Sermão do Monte”, uma conhecida prédica atribuída a Jesus proferida no início de suas pregações.

É no “Sermão do Monte” que se encontram alguns dos ensinamentos mais reproduzidos e polêmicos de Jesus. Boa parte da ética cristã está baseada neste sermão e muitos leitores, desde os mais informais aos teólogos e estudiosos da Bíblia, encontram nele ensinamentos radicais de ética e conduta cristã.

Devido a esta característica, a análise a respeito do significado unívoco ou plurívoco das metáforas nele presentes adquire grande importância. Afinal, este é

um texto de cuja leitura resultará a ideia da realidade e prática de uma vasta comunidade que faz dele sua regra de fé e prática.

Iniciaremos esta pesquisa com a análise dos conceitos fundamentais de metáfora em um contexto geral, não apenas em seu uso na literatura bíblica. Passaremos pelas contribuições da tradição retórica aristotélica até às considerações mais recentes da análise da metáfora como uma expressão conceitual relacionada ao discurso e não apenas ao nível frásico e linguístico, para isso recorreremos ao conceito de discurso bakhtiniano e metáfora conceitual de Lakoff e Johnson. Nesse momento, analisaremos a relação de literalidade e não-literalidade de uma expressão metafórica e a importância do contexto para a construção do significado da mesma.

Além disso, destacaremos as características comunicativas da metáfora e sua importância didática que permite uma integração peculiar entre quem enuncia e quem ouve/lê um texto metafórico. Isso porque uma metáfora aciona uma série de percepções no ouvinte/leitor, o qual se envolve na construção de sentido do texto e torna a leitura uma experiência emotiva. Esse envolvimento compromete os níveis de pensamento descritos pela pragmática de Levinson.

Em segundo momento, estabeleceremos relações entre a metáfora e o texto bíblico, considerando principalmente a Bíblia como literatura, discussão essa orientada pela leitura de Alter, Auerbach, Kermode e Leonel Ferreira, autores cuja contribuição para uma visão literária da Bíblia são de grande importância. A partir de então, destacaremos a ocorrência da metáfora e suas finalidades e aplicações a cada estilo de texto bíblico do novo testamento.

Por fim, propomos a aplicação da teoria pragmática de Levinson a um texto bíblico que nos servirá como objeto. Destacamos as metáforas do Sermão do Monte, registradas nos capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho de Mateus, cerca de 18 expressões e suas possíveis interpretações, mostrando sempre as raízes da univocidade e as possibilidades da plurivocidade de cada expressão a depender do contexto em que se dão e em que são lidas hoje.

2 A metáfora – conceitos fundamentais

Nesse capítulo, abordaremos os conceitos que fundamentam tradicionalmente a compreensão da metáfora. Observaremos a definição retórica dada por Aristóteles, considerando seu significado etimológico e partiremos para a abordagem linguística proposta por Ricoeur que valoriza o aspecto do contexto do enunciado. Posteriormente, destacaremos a abordagem conceitual da metáfora, uma compreensão mais recente do papel da metáfora no sistema de pensamento humano. Pretendemos com isso criar uma linha história das diversas definições de metáfora a fim de observarmos de vários ângulos seu significado.

2.1 A visão retórica da metáfora

Muitas expressões têm sido usadas para conceituar uma metáfora e, nesse sentido, é possível pensar termos como: comparação abreviada, contraste, analogia, similaridade, fusão, etc. Estas muitas possibilidades de definição do termo metáfora remete a ideia da generalização que, por sua vez, encontra respaldo na origem da definição, postulada por Aristóteles. Segundo o filósofo, em *Poética* (1973,1457b p. 6-7), metáfora é “a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia”. Nesse conceito incluiu-se como metáfora o que hoje é considerado distintamente como metonímia e símile.

Aristóteles aborda o tema metáfora nas obras *Arte Retórica* e *Arte poética*. Em ambas as obras o filósofo trata a figura como léxis (expressão). Na retórica, a léxis refere-se à arte da comunicação do cotidiano, da persuasão do discurso público (argumentação, composição e elocução), na poética, trata-a como a arte da evocação imaginária. (FILIPAK, 1983)

A léxis retórica, segundo Filipak (1983, p. 20,21) “teria a função da prova, da demonstração, da função lógica, objetiva, intelectual, denotativa; já na poética, teria função alógica, subjetiva, emocional, conotativa.” Em suma, para Aristóteles, a

função da metáfora era diversa, podendo tanto referir-se à lógica quanto à subjetividade.

Etimologicamente a palavra Metáfora vem do grego *μεταφορά*, que significa “transferência” ou “transporte”. Os radicais constituintes são “meta”, que quer dizer “mudança” e “phora” que significa “carregar”. Chegando assim ao sentido de transportar uma ideia ou levar para fora um significado. As metáforas são, portanto, palavras sendo usadas fora do seu sentido literal em um determinado contexto, para uma finalidade comparativa. Essa noção etimológica está diretamente ligada à visão retórica da mesma.

A visão retórica no seu conjunto apresenta uma dissociação nítida entre a linguagem e a metáfora. Esta seria apenas utilizada pela linguagem no intuito de alcançar um determinado efeito discursivo e expressar de modo mais atraente a realidade circundante.

Esses pressupostos abordam a metáfora do ponto de vista léxico, enquanto palavra. Pensando-a apenas em sua relação literal e não-literal. Essa abordagem, mesmo sendo essencialmente clássica-retórica, ainda é considerada por autores contemporâneos. É importante destacar que, na visão retórica, estabelece-se uma função da metáfora que relaciona os conceitos de literalidade e não-literalidade. Assim, considerar a metáfora como adorno de efeito discursivo é considerar que, embora nas metáforas as palavras não estejam em seu sentido literal, ou seja, em seu sentido aceito como padrão, isso não significa dizer que a mensagem por elas transmitida seja diferente da literal. Zuck (1994, p.172) afirma que esse estilo literário consiste em expor de forma original e incomum fatos literais que poderiam ser expressos de maneira direta e comum. Ou seja, a metáfora é uma maneira de dizer algo literal de forma não-literal.

Segundo o autor, dizer “ninguém engole o argumento” é uma forma de dizer “o argumento é fraco”, nas duas afirmações está exposto um fato literal, mas uma usa o estilo figurado e a outra o sentido normal.

A partir desse exemplo, é válido ressaltar algo que discutiremos posteriormente, o fato de que o sentido figurado expresso pelo verbo “engole” transmite ideia literal, que não precisa necessariamente ser interpretado de uma

única maneira. Chega-se à conclusão de que o argumento é fraco (inaceitável), porém a imagem “engole” permite uma série de interpretações intermediárias para que se chegue a essa literalidade. “Ninguém engole o argumento” pode ser porque ele é grande? O grande pode ser mentiroso? A inaceitabilidade se deve a que? O leitor poderia ter percorrido diversos caminhos imagéticos para chegar ao sentido literal de “o argumento é fraco”. Com isso percebemos que a questão literalidade e não-literalidade passa a ser um aspecto inicial da metáfora, que em sua complexidade partirá desta discussão primeira e prosseguirá a questões de produção de sentido.

A intenção de Zuck, no exemplo citado é mostrar que o uso dessa linguagem figurada não implica necessariamente ausência de significado literal, mas sim uma maneira mais expressiva de comunicá-lo. O autor se identifica com a visão retórico-poética da metáfora, assim como Aristóteles, vê duas funções para a metáfora, a estética e a lógica.

Outra definição léxica de metáfora dada por Fiorin e Savioli (1990, p.122) dirá que metáfora é “a alteração de uma palavra ou expressão quando entre o sentido que o termo tem e o que ele adquire existe uma intersecção”. Dessa forma, metáfora é o cruzamento de sentido entre elementos diferentes.

Ingrid Finger (1996, p 15) ressalta a função da metáfora como termo usado para representar uma realidade mais complexa do que aquilo que o discurso literal poderia veicular, sendo assim necessária para suprir as necessidades maiores da comunicação humana:

a comunicação humana é repleta de situações em que a linguagem é usada para transmitir significados diferentes dos significados que são dados pelas palavras e sentenças utilizadas. Isso faz com que a representação teórica desses significados seja de uma complexidade maior do que a representação da compreensão do discurso literal.

Para esses autores, a metáfora é abordada como palavra figurada que substitui outra literal por questão estética, ou devido à complexidade do termo que se quer comparar. De qualquer forma, encaram a metáfora em seu ponto léxico, enquanto palavra ou expressão isolada.

A visão retórica da metáfora considera essa figura de linguagem em seu valor estético, como ornamento da linguagem e como expressão mais complexa da literalidade. A poesia também a enxerga a partir dessa perspectiva.

Veremos a seguir uma alteração em relação a essa perspectiva, a visão semântica da metáfora, que preza seu valor discursivo e não apenas frásico.

2.2 A visão semântica da metáfora

Do ponto de vista semântico, representado por Paul Ricouer, a metáfora possui uma análise linguística mais aprofundada, nesse sentido deixa-se de lado o conceito de metáfora lexical ou frásica, passando-se a um conceito discursivo da metáfora. Nesse novo conceito há uma interação entre os conteúdos do enunciado metafórico e os conteúdos presentes em outros contextos.

Nesta perspectiva,

a metáfora não se pode reduzir ao seu efeito de ornamentação porque ela é antes de mais uma maneira de pensar e de viver, uma projeção imaginativa da verdade. A função essencial da metáfora reside, assim, na expressão da imaginação. Para Coleridge, o conceito de metáfora é definível como *imagination in action*. A metáfora é, deste modo, indissociável da linguagem no seu todo. (MENDES, 2010).

A metáfora é, deste modo, indissociável da linguagem no seu todo, que por sua vez é essencialmente metafórica. O uso da metáfora intensifica uma atividade característica e inerente à linguagem e não constitui apenas um modo excepcional de utilização da linguagem, mas antes o modo como a língua, repleta de conceitos e ideias metafóricas, funciona.

A metáfora implica uma abstração no nível da sensibilidade e da imaginação pela sua ruptura com a lógica discursiva e pela liberdade concedida ao emissor. Isso pressupõe, conseqüentemente, uma complexidade muito maior do que uma mera

comparação abreviada. De fato, a metáfora poderá conter dois termos que reportam referências simbólicas dispares e/ou dissemelhantes numa tentativa de recriação do real exterior ou interior e não diretamente comparáveis entre si.

As metáforas semântico-linguísticas podem ser classificadas, tradicionalmente, como: *dead* - mortas e *live* - vivas. Assim, a chamada “metáfora morta” é aquela que, na verdade, não é mais uma metáfora e sim, uma simples expressão que não tem mais um uso metafórico. Um exemplo deste tipo de metáfora é dado por Carvalho (2003), quando o autor cita uma conhecida expressão da língua inglesa *falling in love* e explica que em sua tradução literal “cair de amor” não se percebe mais a metáfora em “cair”, pensa-se simplesmente em “apaixonar-se”. Em contrapartida, metáforas vivas são expressões que mantêm realçado o embate entre palavras pertencentes a conceitos distintos em afirmações que estabelecem semelhanças entre elas.

A divisão proposta por Ricoeur entre metáforas “vivas” e metáforas “mortas”, consideram uma visão bem mais complexa que a da simples literalidade retórico-poética que observamos anteriormente, pensa-se aqui na questão semântica da metáfora, no uso da palavra em suas significações. Ricoeur não é, em princípio, um pensador da estética. Seu interesse principal está em outro lugar: na hermenêutica, na semântica, na filosofia. O objeto principal do pensamento de Ricoeur é a questão da interpretação, ou melhor, das interpretações, em suas diferenças e divergências.

O filósofo enfatiza a importância da metáfora para a interpretação no processo de significação. Ele coloca assim a poética acima da retórica, a unidade universal (frase/discurso) acima da unidade singular (palavra), sua definição de metáfora liga-se à de símbolo, que inclui duas partes separadas: “A metáfora mantém dois pensamentos de coisas diferentes simultaneamente ativas no seio de uma palavra ou de uma expressão simples, cuja significação é resultante de sua interação” (RICOEUR, 2000, p.129)

O pensamento semântico da metáfora valoriza as palavras como uma superação da linguagem unicamente verbal em direção de tudo que faz imagem, por isso, a metáfora está relacionada a palavras como: “icônico”, “figura”, “figurativo”, “mimético” e “pensamento figurativo”.

O pensamento linguístico da metáfora considera ainda que “a metáfora depende de uma semântica da frase antes de concernir a uma semântica da palavra. A metáfora só é significante num enunciado- é um fenômeno da predicação.” (RICOEUR, 2006, p170)

Observa-se assim que enquanto a visão retórica valoriza o aspecto estético da metáfora, a perspectiva semântico-linguística a considera enquanto interação e significação.

Nessa visão, a metáfora, pode ser considerada também enquanto elemento constituinte do discurso. Por isso julgamos necessário agregar os conceitos de discurso e enunciação para destacarmos que a metáfora está para além da linguagem isolada e sim inserida em uma intencionalidade, em um contexto, ou seja, em uma cena enunciativa que lhe justifica o uso e esclarece o significado.

Ao pensarmos em metáfora como elemento de discurso, precisamos destacar os pensamentos de Mikhail Bakhtin que considera a língua como um fenômeno ideológico e distante da dicotomia Saussuriana. Bakhtin (1979, p 31) ressalta que “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo”. Esse algo fora de si mesmo, é o contexto do enunciado. Assim, a metáfora, por ser discursiva, é constituída a partir de algo fora da palavra em si, implica o reconhecimento do contexto em que é enunciada.

Para Emile Benveniste (1970, p.82), “a enunciação é o colocar a língua em funcionamento, por um ato individual de utilização”. Deste modo, fala-se de uma linguística enunciativa que mostra o discurso produzido no momento da fala, considerando que sua produção pressupõe a existência de um sujeito produtor, que se inscreve diretamente no enunciado. Sob esta ótica, entende-se que a enunciação ocorre na memória, no próprio ato de interpretar uma situação contextual, antes mesmo de fazer a representação no texto.

Dominique Maingueneau (1997) esclarece que, tanto a fala como a língua são discursos, pois considera que, no processo de construção de sentidos, há a presença do contexto sociocultural que se insere na fala e na língua.

Para a interpretação metafórica, essas teorias são amplamente aplicáveis porque a linguagem metafórica necessita da análise do contexto em que foi

produzida e para ser entendida deve levar em consideração a intencionalidade do enunciado e toda a cena enunciativa envolvida, avalia-se como indispensável o entendimento do contexto sociocultural no processo de construção do sentido.

2.3 A visão conceitual da metáfora

A partir de 1980, surge uma nova teoria em relação à metáfora: a Teoria da Metáfora Conceitual, com o livro *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson. Os autores começaram a discutir a natureza e a estrutura da metáfora sob uma nova perspectiva: ela é conceitual e tem grande influência em boa parte do pensamento e raciocínio do ser humano. Eles contestam os pressupostos até então estabelecidos de que toda a linguagem convencional é literal e que tudo pode ser descrito e entendido sem usar metáforas (CARVALHO, 2003). É possível exemplificar essa nova perspectiva observando a metáfora do “canal”, criada pelo linguísta Michael Reddy. De acordo com essa metáfora:

As expressões linguísticas (palavras, sentenças, parágrafos, livro, etc) são comparadas a vasos ou canais nos quais pensamentos, ideias, sonhos são despejados e dos quais eles podem ser retirados exatamente como foram enviados, realizando uma transferência de posse. (GREEN, 1989, p.10 In: ZANOTTO, 1998, p.15).

Zanotto (1998, p.16) diz que Green tem uma explicação muito feliz para essa metáfora da linguagem ordinária:

“Admite-se comumente que a linguagem constitui um veículo para o pensamento, que as palavras expressam pensamentos e fazem isso univocamente. Então você tem um pensamento, põe esse pensamento em palavras, que levarão o pensamento, e qualquer pessoa racional e sensata que conheça a linguagem será capaz sem esforço de ver seu pensamento, de pegar sua ideia.”

O que se procura mostrar com essa metáfora da linguagem é que a linguagem comum, aquela usada pelo homem no seu cotidiano, é plena de metáforas. Ou seja, usamos essas metáforas de forma tão natural que não nos

apercebemos de sua existência. Coracini (1991) afirma que mesmo a linguagem científica, que supomos ser literal, é rica em metáforas. Nas ciências biológicas, as células são classificadas como idosas, mães, filhas, companheiras (CORACINI, 1991, p. 139).

A observação de que a linguagem é impregnada de metáforas levou muitos estudiosos a terem uma nova visão de mente. A metáfora começa a ser vista como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana e não mais como um simples ornamento do discurso

Em outras palavras, podemos dizer que,

o ser humano ao pensar em proferir uma sentença, tem a sua disposição várias escolhas entre elas a de que forma ele deseja se expressar: literalmente, ironicamente, metaforicamente entre outras. Entretanto, muito pouco é conhecido sobre o que leva o sujeito a escolher o registro preferido. Assim sendo, a metáfora linguística desempenha um papel importantíssimo no nosso discurso diário e no processo de formação do nosso pensamento. (CARVALHO, 2003)

Para o pensamento conceitual, a metáfora é uma figura de linguagem que compara seletivamente destacando as qualidades de um sujeito consideradas importantes para aquele que a usa. Para eles, a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes fazendo, assim, com que percebamos novos caminhos para a compreensão do sujeito. A metáfora é uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal ao abstrato e uma maneira de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos. (CARVALHO, 2003)

Para o pensamento conceitual, as metáforas são fenômenos inerentes à comunicação humana e suprem a necessidade de significação que a simples literalidade não pode conter, por isso constitui um elemento muito mais abrangente, afetando não apenas a linguagem, mas o próprio sistema de pensamento e de caracterização do real.

Dessa forma valoriza-se um aspecto mais cognitivo da metáfora, de acordo com Lakoff e Johnson. A metáfora deve ser vista como um processo de imaginação e subjetividade.

Rejeitamos a concepção objetivista de uma verdade absoluta e incondicional, sem adotar a alternativa subjetivista de verdade obtida apenas por meio da imaginação. A razão, no mínimo, envolve a categorização, a implicação, a inferência. A imaginação, em um dos seus muitos aspectos, implica ver um tipo de coisa em termos de um outro tipo de coisa, o que denominamos pensamento metafórico. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.302)

Do ponto de vista da retórica, a metáfora seria essencialmente um modo de expressão da poética, enquanto a ciência se fazia com o literal e só se poderia referir-se ao mundo e compreendê-lo por meio da linguagem literal. Combatendo esta ideia, Lakoff e Johnson afirmam que a maioria dos conceitos básicos como por exemplo, tempo, quantidade, estado, ação e conceitos emocionais como o de amor e o de raiva são compreendidos metaforicamente. As metáforas se colocam, portanto, numa posição importante para a compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos.

Segundo os autores, nosso sistema conceitual, pensamentos e ações são metafóricos por natureza. Esses conceitos estruturam o que percebemos, o modo como vivemos no mundo e nos relacionamos com as pessoas. Assim a metáfora é vista como “a imaginação estabelecendo conexões criativas, pensando lateralmente, falando em voz alta.” (VANHOZZER, 2005, p. 57)

Nosso sistema conceitual desempenha, assim, um papel central na definição das realidades do cotidiano. Para exemplificar o que significa uma metáfora conceitual e sua relação com a estruturação de ações a partir dele, tomemos como base as expressões destacadas por Lakoff e Johnson que criam a imagem do sentimento amoroso relacionada à imagem da viagem. Trata-se do entendimento do “amor como viagem” (LAKOFF e JOHNSON, 2002), onde se compara implicitamente um relacionamento amoroso com uma viagem. Nessa comparação identificamos as seguintes expressões nas quais a metáfora se constrói. :

Veja a que ponto chegamos.

Agora não podemos voltar mais.

A metáfora, dizem os autores, envolve a compreensão de um domínio da experiência, no caso, o amor, em termos de um domínio muito diferente da experiência, as viagens. A metáfora pode ser entendida como a relação entre um domínio-origem (neste caso, as viagens) e um domínio-alvo (neste caso, o amor).

Há correspondências ontológicas, de acordo com as quais o contexto no domínio do amor (por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, a relação amorosa etc.) corresponde sistematicamente ao contexto no domínio de uma viagem (os viajantes, o veículo, os destinos etc.).

O que constitui a metáfora amor-como-viagem não é nenhuma palavra ou expressão em particular. É a relação entre domínios conceituais, do domínio-fonte das viagens ao domínio-alvo do amor. Isso evidencia que a metáfora não é uma questão apenas de linguagem, mas de pensamento e razão. A linguagem é o reflexo desse pensamento. Assim sendo, falar e entender metáforas só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano.

O uso da metáfora conceitual é automático, não exigindo, portanto, esforço de interpretação, fazendo parte do modo de pensar de uma comunidade linguística (LAKOFF e JOHNSON, 2002). Em outras palavras, podemos afirmar que conhecemos o mundo por meio dos objetos que o constitui e entendemos esses objetos por causa dos conceitos inerentes a eles e por meio das relações existentes entre eles.

Para exemplificar melhor a visão cognitiva, tomemos outro exemplo, a expressão *digerir uma ideia* que pode ser considerada pela maioria dos falantes como uma expressão puramente literal ou, pelos linguístas, como uma metáfora morta, que congelou seu significado metafórico antigo com um novo significado literal, porque entende que, uma vez convencionalizada, *digerir* morreu como uma metáfora (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 211-212). Em contrapartida, para a linguística cognitiva, mesmo a chamada linguagem literal está repleta de metáforas e de forma sistemática. De forma que *digerir uma ideia* não é uma metáfora isolada,

mas parte de um grupo de outras expressões em que ideias são faladas em termos de comida.

Segundo Lakoff e Johnson (2002) as metáforas conceituais subdividem-se em três tipos basilares: metáforas estruturais, orientacionais e ontológicas.

a) Metáforas estruturais: Por meio delas um determinado conceito se estrutura em termos de outro. Como exemplos desse tipo de metáfora, temos os seguintes: tempo é dinheiro; amor é uma viagem; discussão é guerra. Por exemplo, quando dizemos: “Investi muito tempo neste relacionamento”; “Este relacionamento não nos levará a lugar nenhum”; “Seus argumentos me nocautearam”, estamos expressando como os conceitos abstratos de tempo, amor e discussão estão estruturados em nossa mente, ou seja, como “dinheiro”, “viagem” e “guerra”, respectivamente.

b) Metáforas orientacionais: Baseiam-se na orientação do nosso corpo no espaço, experienciando as relações opostas de cima x baixo, dentro x fora, frente x atrás, fundo x raso, central x periférico. Dessas relações nascem metáforas do tipo bom é para cima; mau é para baixo; feliz é para cima; triste é para baixo. Essas relações espaciais de base física, segundo Lakoff & Johnson (2002, p. 59-69), acompanham-nos desde o nascimento, dando-nos o suporte da verticalidade e da horizontalidade, por exemplo. E esse suporte torna-se um campo produtivo em termos metafóricos, considerando que partimos de nossas experiências físicas concretas para compreender e explicar conceitos abstratos. É o que acontece, por exemplo, quando dizemos: “hoje eu estou para cima” ou “a depressão deixa as pessoas para baixo”

c) Metáforas ontológicas: Relacionam-se à experiência humana com objetos e substâncias físicas que servem de base para o entendimento de noções abstratas. Atribuímos caracteres humanos e físicos a essas noções. Nas metáforas ontológicas ocorre a “reificação” (emoções, ideias, eventos e atividades etc. retratados tendo coisas ou substâncias que podem ser identificadas e quantificadas como domínio de origem) como em: inflação é uma entidade: “precisamos combater a inflação”; mente é uma máquina: Fique tranquilo, eu estou ligado.

Para a visão cognitiva, o sentido de metáfora, está para além dos domínios do literal e não-literal e da linguagem simples, relacionando-se à cognitividade e ao pensamento, por isso se estabelece em um contexto mais amplo que o frásico, alcança o discursivo.

O pensamento humano é fortemente metafórico. As expressões linguísticas existem porque há metáforas no nosso sistema conceitual. A sua essência é de experienciar uma coisa em termos de outra. Assim, as metáforas são analisadas como relações estáveis e sistemáticas de pensamento.

Nosso propósito ao conceituar a metáfora de três maneiras diferentes é observá-la a partir de diversos ângulos.

Assim as três visões da metáfora: retórica, semântico-linguística e conceitual-discursiva, embora diferentes e até divergentes entre si, são abordagens da metáfora que nos ajudam a compreendê-las e destacam elementos particulares dessa figura de linguagem.

Concordamos com a abordagem retórica no que diz respeito à estética da palavra afetada pela metáfora, consideramos indispensável o entendimento do além-texto e relevância do contexto de enunciação para a compreensão dessa figura de linguagem e também reconhecemos o valor conceitual da metáfora enquanto constituinte do processo de pensamento humano. A metáfora, da maneira como a trataremos a partir daqui será considerada nesses três aspectos: estético, enunciativo e conceitual.

Propomos a seguir uma análise dos valores comunicativos da metáfora. Unindo os três aspectos citados, pretendemos esclarecer o que é a metáfora enquanto força comunicativa que considera sua estética, seus contextos e sua conceitualidade.

2.4 O valor comunicativo da metáfora

Além dos conceitos analisados, abordaremos a seguir o valor da metáfora em sua função comunicativa. Veremos que a metáfora, apesar de ser abordada mais recentemente como um fenômeno cognitivo mais do que linguístico, não perde sua

característica retórica na comunicação, apresentando características que facilitam a compreensão textual.

No uso da linguagem metafórica, é de suma importância a imagem que ela cria, pois é dela que se partirá para a comparação feita a partir da semelhança com assunto exposto. Essa comparação estabelecida cria na mente do leitor uma imagem que lhe produz uma cena e sensação, tornando-se uma experiência compreendida.

A retórica tradicional já constatava isso ao distinguir três funções dessa linguagem

docere, placere, movere ... *docere*, equivale à transmissão de informação lógica. Apesar de a imaginação constituir o ponto fulcral da metáfora, esta ao destacar uma característica dominante, permite pôr em relevo o elemento mais relevante para uma melhor interpretação da mensagem. *Placere*, a segunda função da linguagem, designa a função estética, que assume um papel ambivalente - ao mesmo tempo que enriquece o vocabulário e embeleza o discurso, procura captar o interesse do seu interlocutor. Por fim, *movere*, cujo sentido é definido como a persuasão, é também visível na figura metafórica. (MENDES, 2010)

Transmissão de informação lógica, beleza e poder persuasivo são algumas das características que tornam a metáfora uma figura de linguagem extremamente persuasiva nos discursos em geral.

As metáforas possuem a característica de tornar visível e dizível o invisível, elas popularizam conceitos abstratos, segundo Berger (1999, p.301) “são uma maneira de produzir a visibilidade do invisível, com isso ganham-se publicidade e forma”, por isso o uso da linguagem metafórica é uma importante ferramenta comunicativa, através dela os escritores criaram uma correspondência, uma espécie de integração com os ouvintes/leitores. Informação e experiência são transmitidas tão convincentemente que se perpetuam, pois correspondem a um jeito bem normal de pensar, trata-se de uma maneira aparentemente simplista, mas cheia de riquezas em comunicar.

O valor comunicativo das metáforas concentra-se no fato de que elas podem permitir uma comunicação extremamente didática, proporcionando assim uma aprendizagem experimentada o que resulta em uma compreensão reflexiva. A capacidade de levar à reflexão é característica da metáfora, pois, ao perceber uma metáfora, o leitor/ouvinte deve, sem outra escolha, refletir sobre ela a fim de descobrir que semelhanças estão sendo associadas entre a imagem e o termo comparado. A metáfora não traz o sentido fechado no momento em que é enunciada, ela é intrigante, deixa que o leitor/ouvinte relacione os termos comparados para chegar a um sentido.

Além disso, a metáfora possibilita a retenção de conceitos, isso porque lhe é peculiar a compactação de muitas ideias em uma única expressão, assim como, são facilmente memoráveis.

2.4.1 Metáfora e experiência

Nas metáforas a comunicação é didática porque está associada à experimentação, nesse sentido as metáforas podem ser "consideradas catalizadores de experiências, elas selecionam experiências, coordenam-nas, concentram-nas e dão-lhes uma finalidade, canalizando-as para o ouvinte" (BERGER, 1998, p.35). Quando concentram uma ideia geralmente extensa para depois transmiti-la, a metáfora demonstra outro valor que possui, elas proporcionam a transmissão de ideias de maneira singular.

Segundo Jakobson (1989, p.10), dentre as funções que a linguagem possui está a função "emotiva ou "expressiva", centrada no remetente, e visa a uma expressão direta da atitude de quem fala em relação àquilo de que está falando. Tende a suscitar a impressão de uma certa emoção", podemos dizer que a linguagem metafórica alcança essa função linguística, pois nela o emissor procura compartilhar os seus pensamentos com todos os sentimentos nisso envolvidos com o receptor.

A metáfora está ligada a experiência do autor, por meio dela, o ouvinte compartilha suas impressões e experiências, acontece uma espécie de

experimentação. O ouvinte/leitor associa-se ao autor de uma maneira emotiva, o que geralmente é uma experiência transmissível. Por meio do uso de metáforas, acontece uma espécie de simultaneidade de experiências, a mesma experiência do autor pode ser absorvida pelo ouvinte, podemos dizer que, permitir e facilitar a absorção de experiência e conhecimento é um atributo de interação. Berger afirma isso ao dizer que “A metáfora [...] deve informar o leitor, de maneira consciente e descritível, sobre as experiências de quem fala, e isso de um modo que empregue a criatividade do leitor” (Berger, 1998, p.35).

Outro aspecto comunicativo das metáforas está no fato de que elas nos permitem *sentir* o significado, é notável que uma mensagem persuasiva só alcançará o seu objetivo final através de um apelo à sensibilidade e à afetividade. “A metáfora possibilita a expressão de sentimentos, emoções e ideias de modo imaginativo e inovador por meio de uma associação de semelhança implícita entre dois elementos” (MENDES, 2010).

Portanto, a emotividade é profundamente relevante para a compreensão das metáforas, pois “as metáforas liberam emoções [...] a metáfora não fala sobre emoções, impressões ou pensamentos; ela as encarna, quer fazer com que sejam vivenciadas” (Gerhard Kurz apud BERGER, 1999, p.297). Esse é um fato notório da linguagem metafórica, a eficácia da sua comunicação didática está apoiada e caracterizada no fato de que existe um aspecto emotivo na hora em que é proferida e assimilada, para compreender o significado que ela pretende transmitir é preciso senti-la. Elas não são apenas entendidas, mas também experimentadas.

O aspecto emotivo das metáforas se dá pelo fato de que essas transmitem imagens e,

como imagens pertencem à dimensão exterior e ativam os afetos e as emoções, que são sensíveis ao exterior (da mesma forma, também procedem destes) [...] esse campo é insuperavelmente importante do campo de vista antropológico... (*o que permite*) valorizar a função da metáfora de por ao alcance dos sentidos o invisível. (BERGER, 1999, p. 302)

Dentre os atributos relacionados à emotividade conferidos à metáfora, cabe, também, ressaltar que esses argumentos emocionais tendem a nos levar à tomada de ação ou pelo menos dar apoio àqueles que a usam. Enfim, a metáfora é vista

como um elemento de elo entre os argumentos lógicos e emocionais. Como tal, ela nos dá aquele sentimento de que estamos nos comportando racionalmente, embora possa não ser a verdade. As metáforas nos obrigam a fazer uso dos sentidos para compreendê-las, elas exigem uma experiência com o objeto metafórico. A imagem que ela cria pode estar nos domínios da visão, paladar, olfato, tato, envolvem lembranças em geral.

Pensando no contexto da literatura bíblica, que será o objeto desta pesquisa, notamos alguns exemplos que poderiam ilustrar essa relação que a metáfora tem com os sentidos:

- 1- Relacionar-se com Deus é como o relacionamento com *um Pai* ou como *um marido traído*.

Pai para os órfãos e defensor das viúvas é Deus em sua santa habitação.
Salmos 68:5

Mas, como a mulher que trai o marido, assim vocês têm sido infiéis comigo, ó comunidade de Israel", declara o Senhor. Jeremias 3:20

- 2- O Espírito Santo é descrito como *o Selo, o Penhor*.

Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados com o Espírito Santo da promessa
Efésios 1:13

Deus, O qual também nos selou e deu o penhor do Espírito em nossos corações. 2 Coríntios 1:21,22

- 3- O Reino dos céus é *uma semente, é o fermento em uma massa*.

O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; Mateus 13:31

O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado. Mateus 13:33

4- As virtudes cristãs são *um fruto*.

Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Gálatas 5:22

5- Os cristãos são *soldados, atletas, membros de um corpo*.

Tu pois, sofre as aflições, como bom soldado de Jesus Cristo. 2 Timóteo 2:3

Todos os que competem nos jogos se submetem a um treinamento rigoroso, para obter uma coroa que logo perece; mas nós o fazemos para ganhar uma coroa que dura para sempre. Sendo assim, não corro como quem corre sem alvo, e não luto como quem esmurra o ar. 1 Coríntios 9:25,26

Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo. 1 Coríntios 12:27

Os exemplos apresentados exigem do leitor/ouvinte que tenham alguma experiência com o termo metafórico. O valor comunicativo da metáfora está nessa característica de relacionar uma mensagem a uma experiência comum do cotidiano entre autor e ouvinte.

As metáforas tocam pela relação entre o cotidiano e o sublime. Auerbach declara que essas realidades são inseparáveis no texto bíblico. “A sublime intervenção de Deus age tão profundamente sobre o cotidiano que os dois campos do sublime e do cotidiano são não apenas efetivamente inseparados mas, fundamentalmente, inseparáveis.” (Auerbach, 2001, p 19)

A assimilação por meio da experiência proporcionada pela metáfora está relacionada com o envolvimento dos sentidos. Ainda tomando como exemplo o texto bíblico, observam-se exemplos de metáforas relacionadas ao to, uma vez que o texto afirma que seguir Jesus é uma experiência semelhante a pôr a “*mão no arado*” “Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus” (Lc 9.62). Relaciona-se ainda com a visão, pois perceber as oportunidades para o anúncio do Evangelho é parecido com observar os campos “... *Abram os olhos e vejam os campos! Eles estão maduros para a colheita.*” (Jo 4.35); ou ainda, associa-se ao paladar, pois um discípulo que não faz diferença na sociedade é assemelhado ao sal sem sabor, “... *se o sal perder o seu sabor como restaurá-lo?*” (Mt 5 .13).

Esses exemplos expressam acontecimentos bem comuns que os receptores das línguas originais experimentavam com frequência, compreender uma metáfora para eles era relembrar o impacto que traz aos sentidos, cada uma dessas experiências cotidianas.

As metáforas são assimiladas não só pelos ouvidos, quando as lemos, mas por todos os sentidos. De acordo com Lenira Rengel (2007, p.74) “A metáfora é carne pulsando imagens, pensamentos...”, em sua tese de doutorado, a autora defende a ideia de que “existe um mecanismo cognitivo de comunicação do corpo que é o procedimento metafórico” para a doutora,

“o procedimento metafórico faz um transporte, uma intermediação entre os domínios sensório-motores: perceber, sentir, transpirar, mover, tocar, pegar, etc. e os domínios das experiências subjetivas: julgamentos morais, juízos de valor, reações de afeto, etc. (RENGEL, 2007, p. 77-78)

Todo o corpo e sentidos estão envolvidos na aprendizagem quando se faz o uso de metáforas, elas conectam as ideias e os sentidos, é possível experimentá-las, e por isso a comunicação através delas permite interação que leva o ouvinte/leitor a contextualizá-la a todo tempo.

Na metáfora a comparação está implícita, não encontramos palavras como: *como, tal qual, tal como, assim como*, essas palavras são encontradas na símile¹, a ausência delas dão uma oportunidade criativa ao leitor. É peculiar às metáforas a presença de um ponto de comparação, uma espécie de ponto de semelhança entre o objeto que pode ser um conceito ou pessoa, e a imagem que serve como metáfora.

Ao utilizar uma linguagem figurada, o escritor provavelmente tem uma intenção, ou várias intenções, Zuck (1994, p.169,170) enumera entre as razões da utilização de figuras de linguagem os seguintes aspectos:

“As figuras de linguagem acrescentam cor e vida... chamam a atenção, o interesse do ouvinte ou do leitor desperta rapidamente quando ele se depara com a singularidade das figuras de linguagem... a reação é de surpresa. Os símiles e metáforas, por exemplo, costumam ter esse caráter inesperado... sintetizam uma ideia, elas captam e comunicam a ideia de forma concisa... não há necessidade de uma descrição completa elas dizem muito em poucas palavras”

Na tarefa de comunicar e garantir a perpetuação da mensagem, a metáfora traz benefícios consideráveis, como observou Zuck, a questão estética da metáfora favorece a comunicação de um conceito, trata-se de uma linguagem criativa, por isso agradável, que tem o poder de perpetuar-se na mente dos ouvintes.

O marcante é que são acessíveis, proporcionam a visualização de conceitos invisíveis e compactam essas ideias o que as torna facilmente memoráveis. As metáforas auxiliam a retenção da mensagem porque são de fácil memorização, além disso, possibilitam a apreensão da atenção do ouvinte por meio de uma realidade pouco convencional.

¹ Comparação em que uma coisa lembra outra explicitamente. Numa metáfora, a comparação está implícita, ao passo que num símile é visível. (ZUCK, 1994, p.174)

2.4.2 Metáfora e memória comunicativa

Um aspecto típico das metáforas no que diz respeito às vantagens na comunicação é o fato de serem memoráveis, conforme afirma Jeremias (2004, p.7) “reconhece-se de modo geral que as imagens se imprimem mais fortemente na memória do que ideias abstratas”. Como sabemos as metáforas sugerem imagens fatalmente inesquecíveis.

O fator memorização também é de grande auxílio na comunicação por meio de palavras metafóricas. É comprovado que as pessoas aprendem também através dos sentidos, sendo que em termos de aprendizagem temos através do paladar 1%, do tato 1,5%, do olfato 3,5%, da audição 11%, e da visão 80%, a mesma pesquisa vai indicar que quando métodos de ensino são combinados o nível de retenção de informação em um ser humano adulto aumenta consideravelmente, de tudo o que é ensinado oralmente se retém 10% , do que é ensinado visualmente se retém 20%, mas quando o ensino é feito simultaneamente de forma oral e visual a retenção do conteúdo é de 65% após três dias. (BELAN, 2005, p.95,96) As metáforas combinam exatamente o oral e o visual quando ouvimos ou lemos uma metáfora, somos levados a visualizar uma imagem e associá-la a um conceito, esse fato torna o ensino por meio de metáforas facilmente memorável.

Por ser memorável a linguagem metafórica possui a qualidade de chamar a atenção do ouvinte/leitor, existe uma espécie de *choque* quando duas grandezas, totalmente diferentes em condições normais, são assemelhadas pela existência de uma característica comum entre ambas, esse *choque* possibilita uma melhor retenção dos conceitos comunicados.

É exatamente essa tensão proporcionada pela incoerência das semelhanças entre dois termos que pertencem a contextos distintos que torna a metáfora viva.

“ As metáforas enquanto metáforas tensionais- têm uma existência efêmera. Duram enquanto o choque semântico é percebido entre as palavras. Suas inovações semânticas não têm estatuto na linguagem estabelecida. Logo que se tornam comuns são tidas por estabelecidas, tornam-se igualmente triviais e morrem como metáforas” (JAKOBSON apud RICOUER, 2005 p. 182)

Esse choque se deve à existência de duas realidades opostas que são relacionadas a fim de suscitar um sentido novo. A tensão na metáfora “acompanha duas interpretações opostas de um enunciado “Deus é uma rocha”. A interpretação literal é absurda, e sua própria absurdidade demanda uma interpretação metafórica [...] a metáfora subverte a lógica.” (VANHOZZER, 2005, p. 157)

Um exemplo que ilustra a ideia da metáfora viva que provoca choque é a afirmação bíblica “Cuidado com os cães!”, registrada em Filipenses 3.2. O versículo “Cuidado com os cães, cuidado com esses que praticam o mal, cuidado com a falsa circuncisão!” está inserido em um contexto de orientação de Paulo aos cristãos que viviam na cidade macedônica de Filipos.

Com essa expressão, Paulo, o autor se refere a mestres que ensinavam conteúdo judaizante, ou seja, que queriam inserir ritos judaicos como a circuncisão à prática cristã. O autor considerava tais ensinamentos contrários aos ensinamentos por ele anunciado. Obviamente esses “falsos mestres” eram seres humanos e não animais peludos com quatro patas que latem. Seres humanos e cães são seres totalmente diferentes, mas no momento da utilização da metáfora a maneira mais expressiva de dizer que essas pessoas eram perigosas seria dizer que eram “cães”, esse tipo de declaração é chocante e chama a atenção pela força e realismo da comparação, essa característica causa impacto e fica retido na mente de quem a ouve ou lê.

No exemplo dado acima acontece o que Berger (1999, p.299) descreve “são partes de uma realidade estranha”, cães dentro de uma igreja é uma realidade estranha, essa estranheza chama a atenção do ouvinte/leitor, pois está fora de suas expectativas, é inesperado e isso gera a apreensão da atenção, que é um dos primeiros passos para uma comunicação eficaz.

Um fator que contribui para a memorização de conceitos e é característico da metáfora é a capacidade de compactar ideias profundas em pequenas afirmações. Uma metáfora reúne muita informação em uma só palavra, um combinado de conceitos, sensações e experiências estão contidas em uma única expressão. “Ao se formar uma metáfora, uma multiplicidade de experiências é concentrada numa

unidade. O que caracteriza a metáfora é a feliz unificação e combinação do que era difuso, na criação de uma só figura ” (BERGER, 1998 p. 36)

A expressão metafórica reúne em si um incrível potencial de informações, de maneira muito sucinta e agradável uma ideia pode ser transmitida. Zuck (1994, p. 170) faz essa observação “Elas captam e comunicam a ideia de forma concisa. Devido a seu aspecto de forte realismo, não há necessidade de uma descrição completa. Elas dizem muito em poucas palavras”.

Essa afirmação a respeito da metáfora pode ser exemplificada na metáfora bíblica presente no trecho: “E, vendo passar a Jesus, disse: Eis aqui o Cordeiro de Deus.” (Jo 1. 36). João Batista transmite com brevidade um conteúdo grande de informações sobre a identidade de Jesus, que tem sua raiz no sistema sacrificial judaico, o “cordeiro” era o animal recebido como oferta de purificação do pecado. Joao Batista faz essa declaração identificando Jesus como o “cordeiro” de Deus cujo sacrifício, assim como o do rito judaico, traria perdão aos pecados. Obviamente dizer “cordeiro de Deus” é uma forma bem mais compactada de se dizer “este é o homem cuja morte trará perdão aos pecados daqueles que creem nele à semelhança do sistema sacrificial praticado pelos antepassados judeus”. Além disso, dizer “ cordeiro de Deus” é uma expressão mais fácil de memorizar do que sua frase correspondente.

As palavras usadas como metáforas carregam em si a possibilidade de um significado muito maior do que teriam em seu simples sentido literal, a metáfora potencializa as palavras, faz delas verdadeiros textos. “Ricoeur mostrou que as metáforas são “ textos em miniatura”. Ele argumenta que as metáforas criam um “excedente de significado”” (VANHOZER, 2005, p.157) nelas uma única palavra contém o significado de um texto inteiro. O próprio sistema doutrinário da Salvação Cristã só é entendido por meio de metáforas como *redenção e justificação*, não fosse assim para explicar o significado e implicações desses conceitos, os escritores precisariam usar uma infinidade de termos abstratos, longos e densos, correndo o sério risco de não serem entendidos.

Ao compactar ideias as metáforas cumprem o papel de comunicar vastos conceitos de maneira esteticamente agradável. Essa forma de comunicar sucintamente proporciona a retenção de conceitos, é mais fácil reter na memória um

conceito contido em uma expressão metafórica, do que guardar os extensos conteúdos teológicos neotestamentários. Assim ao usar uma metáfora, o escritor reúne amplo conteúdo em uma só expressão, e facilita dessa forma sua retenção e perpetuação. Enfim, a linguagem metafórica possui um singular valor comunicativo, seu uso torna conceitos abstratos fortemente compreensíveis; é didático, estando ao acesso de todos que compartilham a experiência da imagem transmitida na metáfora. Além disso, compacta ideias vastas, é memorável sendo mais facilmente guardado na memória do ouvinte/leitor, também torna transmissível o conhecimento uma vez que ideias densas e abstratas são dissolvidas e concretizadas por meio das metáforas.

A função da metáfora é, assim, a de estender as capacidades de comunicação e conceitualização do ser humano. A metáfora é uma “janela” para os sistemas do conhecimento que são relevantes e centrais em uma determinada cultura.

No próximo capítulo, analisaremos a relação da metáfora com o texto bíblico. Observando as contribuições da teoria literária para a compreensão do texto bíblico ao encará-lo como literatura. Veremos a vasta presença metafórica na bíblia e as possíveis linhas de interpretação das mesmas.

3 A metáfora e a Bíblia

Bíblia é o termo usado pelo Cristianismo para seu livro sagrado. Trata-se de uma coleção de livros vistos em unidade, constituído por duas macro divisões: o Antigo Testamento, escrito pela comunidade judaica, e por ela preservado um milênio ou mais antes da era Cristã; e o Novo Testamento, escritos dos cristãos imanes dos primeiros séculos depois de Cristo. A Bíblia é considerada por judeus e cristãos como verdade revelada por escritores inspirados por Deus. Podemos dizer que o propósito desta coleção de livros é, essencialmente, o registro e comunicação da fé por meio da linguagem e isso envolve o uso de técnicas narrativas e arte.

Neste capítulo abordaremos as relações entre a metáfora e a Bíblia. Pretendemos com isso destacar o caráter literário da Bíblia, evidenciando suas características linguísticas. Obviamente não podemos ignorar que, apesar do aspecto literário, a Bíblia é uma seleção de livros com caráter sagrado e sua relação com a realidade não é a mesma que em outros livros. Auerbach (2001, p. 12) ressalta esta particularidade ao dizer que

ele (o texto bíblico) não quer nos fazer esquecer a nossa própria realidade durante algumas horas, como Homero, mas suplantá-la; devemos inserir nossa própria vida no seu mundo, sentirmo-nos membros da sua estrutura histórico-universal.

Essa particularidade, segundo Auerbach, tem se tornado cada vez mais difícil, à medida que a atualidade se afasta do contexto histórico de suas narrativas. A Bíblia é um convite a inserirmo-nos em suas narrativas que não são apenas entretenimento ou apreciação, ela tem o propósito de envolvimento do leitor, porém, só há envolvimento se houver identificação e esta depende da aproximação com suas narrativas.

Isto se torna cada vez mais difícil, à medida que nosso mundo vital se afasta do mundo das Escrituras. E se este mundo, apesar de tudo, mantém em pé sua pretensão à autoridade, é imperioso que ele próprio se adapte através de uma transformação interpretativa. (AUERBACH, 2001, p. 12)

Ao mencionar transformação interpretativa, o autor sugere que existem adaptações de interpretação do texto bíblico para que o mesmo faça sentido aos leitores de todas as épocas. Ele não tem o propósito de ser um livro antigo e apenas tradicional. Para garantir sua atualidade e pretensa autoridade, sua leitura requer adaptações interpretativas históricas e culturais, o que tem feito com sucesso, visto que ainda hoje, após séculos de produção continua movendo leituras e releituras.

Devido à distância temporal entre a autoria e as leituras atuais, cerca de três milênios, desde os primeiros registros dos hebreus, não existem versões autógrafas da Bíblia, mesmo os mais antigos registros são, na verdade, cópias que se originaram de outras cópias por muitas gerações.

Importante observarmos que as inúmeras cópias têm sido consideradas confiáveis. Um exemplo da natureza dessa confiabilidade são as descobertas dos manuscritos do Mar Morto, os rolos e fragmentos que foram descobertos entre 1947 e 1960 ao longo da margem noroeste do Mar Morto, na Palestina, em onze cavernas na localidade de Qumran. Entre os manuscritos encontrados, chama-nos a atenção “um pergaminho contendo todo o livro do profeta Isaías, datado de cerca de 100 a.C., que em muito pouco difere do chamado “Texto Massorético”, o texto hebraico preservado em manuscritos medievais que serviu de base para as Bíblias modernas” (MATOS, 2011)

Esta descoberta nos leva a concluir que o maior desafio em relação à Bíblia talvez não seja a distância temporal que comprometa a veracidade dos textos atuais e sim em como estes textos podem ser interpretados pela atualidade. Especialmente ao nos referirmos à linguagem figurada que, inevitavelmente, está associada a imagens próprias da cultura originária do texto, veremos que a distância histórico-cultural é de fato o maior desafio à interpretação de tais passagens. Auerbach comenta a esse respeito observando que

Isto foi relativamente fácil por muito tempo; durante a Idade Média europeia era possível, ainda representar os acontecimentos bíblicos como sucessos quotidianos contemporâneos, para o que o método exegético fornecia as bases. Quando isso se torna impraticável, pela transformação demasiado profunda do meio ambiente e pelo

despertar de uma consciência crítica, a pretensão à autoridade corre perigo; (AUERBACH, 2001, p.13)

Analisaremos, a partir de agora, as relações entre a Bíblia e a literatura. Nosso objetivo é concentrar-nos especialmente na linguagem bíblica metafórica como evidência de linguagem trabalhada própria da literatura.

3.1 A Bíblia como literatura

Durante muito tempo a Bíblia foi considerada apenas no seu ponto de vista religioso e teológico. Sendo, por isso, de interesse da Teologia apenas, sem associação com o estudo literário. O crítico literário Robert Alter comenta:

O único motivo óbvio para a ausência por tanto tempo de interesse literário acadêmico pela Bíblia é que, em contraste com a literatura grega e latina, a Bíblia foi considerada durante muitos séculos, tanto por cristãos quanto por judeus, a fonte unitária e primária da verdade de [sic] revelação divina (1998, p. 16).

Sendo considerada pelos protestantes como “regra de fé e prática” o caráter literário da Bíblia foi diminuído em virtude da construção de dogmas e elaboração de fórmulas doutrinárias. Muitas vezes, tais dogmas e doutrinas escondiam seu valor literário. Assim, uma espécie de rejeição aos métodos de análise da teoria literária era praticado pelos religiosos, e pelos teóricos da literatura certa subestimação era feita com a Bíblia, desconsiderando-a como literatura. Alter explicita a tensão:

[...] o poderoso resíduo da crença mais antiga na Bíblia como a revelação da verdade última é perceptível na tendência dos estudiosos a formular questões sobre a vida bíblica do homem, a noção bíblica da alma, a concepção bíblica da escatologia, ao mesmo tempo que negligencia em geral fenômenos como caráter, motivo e plano narrativo por serem impróprios para o estudo de um documento essencialmente religioso (1998, p. 16-17).

Esse conflito entre a Bíblia e a Literatura não é favorável a nenhum dos lados. Tanto o teológico quanto o literário perdem quando não se complementam. Sem dúvida, a estética da linguagem bíblica é algo a ser observado do ponto de vista literário, visto que é considerável a presença de textos cujo trabalho estético é abundante.

O contato com o texto bíblico expõe-nos ao mundo da linguagem. Os signos e metáforas presentes na Bíblia acionam em qualquer leitura aspectos léxico-semânticos. Por isso, Bíblia e Literatura são áreas complementares conforme observa Leonel Ferreira

"não existe necessariamente antagonismo entre o caráter literário das Escrituras e sua visão como texto sagrado. Contudo, é igualmente imperativo que a abordagem religiosa conviva com o fato literário e o respeito. Na realidade, eles são complementares" (2006, p.3)

A literalidade da Bíblia está evidenciada pela pluralidade de gêneros nela encontrados. Nos 66 livros que compõem a Bíblia canônica encontramos gêneros textuais diversos que comprovam sua riqueza literária.

A variedade genérica dessa antologia é de qualquer modo notável, englobando historiografia, narrativas ficcionais, e muita mistura de ambos, listas de leis, profecias tanto em verso como em prosa, obras aforísticas e de meditação, poemas de culto e devoção, hinos de lamentação e vitória, poemas de amor, tábuas genealógicas, contos etiológicos e muito mais. (ALTER e KERMODE, 1997, p.24)

No que diz respeito à linguagem figurada, por exemplo, não se pode negar a variedade de significados causada pela riqueza de figuras como a metáfora nos textos bíblicos. "Sua riqueza metafórica e imagística e sua capacidade narrativa foram alcançadas bem poucas vezes na tradição literária universal." (Backes, 2008)

É necessário observá-las do ponto de vista literário respeitando a multiplicidade de sentidos e o mecanismo de funcionamento da linguagem metafórica.

Por outro lado, a teoria literária não pode ignorar a vasta contribuição da Bíblia como exemplar singular de um texto clássico que influenciou e ainda influencia boa parte do pensamento ocidental.

Do lado teológico, percebemos a ideologia da confessionalidade em ação na tradução de textos bíblicos, muitas vezes gerando ocultamento da polissemia e intensidade dos textos, dando a impressão de univocidade e monotonia das personagens bíblicas.

Do lado da crítica literária e da teoria literária, não podemos deixar de constatar que cursos de letras normalmente não incluem a Bíblia entre os clássicos, desconhecem e formam desconhecimento da Bíblia como fonte da literatura mundial. (MAGALHÃES, 2008. p. 364)

Além disso, podemos considerar a Bíblia como literatura observando dois aspectos fundamentais da literatura presentes nas narrativas bíblicas, uma vez que

dizer que são “literatura” implica o reconhecimento que elas guardam certa relação de proximidade/distância com a realidade, nunca sendo mera transcrição desta, pelo contrário, representando-a e buscando transformá-la por intermédio das histórias narradas. Isso se dá, no plano formal, mediante a utilização de estratégias literárias que definem o caráter estético e retórico junto aos leitores. Igualmente importantes são os elementos linguísticos e de linguagem utilizados, como a metáfora. Esta, antes de ser uma mera figura de linguagem, é uma forma de linguagem, aprofundando e gerando indefinições de entendimento que invocam a colaboração do leitor no processo interpretativo. (FERREIRA, 2008, p.10)

Assim, na relação com a realidade e na escolha de elementos linguísticos surgem os fatores que confirmam as narrativas bíblicas enquanto literatura.

A intenção de ser compreendido é comum a todos os textos, no texto bíblico isso não é diferente. A ideia é o entendimento, por isso os Evangelhos e Cartas, que compõem a maioria do Novo Testamento, são endereçados a alguém, ou a um grupo específico de leitores. Na tarefa de comunicar, é feito o máximo possível para que os receptores entendam e experienciem o fato apresentado pelo escritor. O propósito é comunicar uma realidade, dessa forma, é a linguagem o instrumento de transmissão do pensamento. Por isso, as metáforas podem ser consideradas como importantes expressões de comunicação, como apontou o professor de literatura inglesa da Universidade de Glasgow, William citado por Zuck (1994) que descreve sua afirmação:

Se me perguntassem qual foi a maior força utilizada na formação da história [...] eu responderia [...] a linguagem figurada. Os homens vivem pela imaginação; a imaginação governa nossas vidas. A mente humana não é um fórum de debates, como querem os filósofos, mas sim uma galeria de arte [...] Elimine as metáforas (ou seja a linguagem figurada) da Bíblia e seu espírito se dissipará [...] Os profetas, os poetas, os líderes são todos mestres da metáfora, e com ela cativam a alma humana (ZUCK 1994, p.167)

O número de figuras de linguagem na Bíblia é vastíssimo, Bullinger (apud ZUCK, 1994 p.167) agrupou as figuras de linguagem da Bíblia em mais de 200 categorias, e somou um total de 8000 exemplos bíblicos. É impossível fazer a leitura ou interpretação bíblica no NT sem deparar-se em alguma linguagem metafórica. A presença de metáforas no NT é farta, afinal “... metáforas (estão) por toda parte. Não existe uma palavra não-metafórica que pode ser dita sobre Deus” (VANHOOZER, 2005, p. 164),

Falando a respeito do uso de metáforas, Tomás de Aquino (1980, p.11) na *Suma Teológica* observa que:

é natural ao homem chegar pelos sensíveis aos inteligíveis, pois todo o nosso conhecimento começa pelos sentidos – convenientemente, as Sagradas Escrituras nos transmite as coisas espirituais por comparações metafóricas.

Podemos afirmar, portanto, que é a partir do sensível que chegamos ao inteligível, e que existe uma estreita relação entre sentir e aprender, por isso o uso da metáfora proporciona por meio dos sentidos e imagens a assimilação eficaz, duradoura e estética do conhecimento, esse é um recurso linguístico abundantemente utilizado no texto bíblico.

O Novo Testamento é riquíssimo em imagens e sensações que nos são transmitidas através das metáforas usadas por seus escritores.

Essas figuras de linguagem estão presentes em tipos distintos de textos no NT, como por exemplo, *nas parábolas de Jesus*, a discussão hermenêutica tradicional vai identificar parábolas como uma metáfora estendida; *em pequenas*

comparações usadas em sermões, como o Sermão do Monte por exemplo, onde a linguagem metafórica é abundante; *no ensino dos apóstolos em comparações metafóricas* como “Corpo de Cristo”, “Selo do Espírito”, “Família de Deus” entre outros; estão presentes como material básico dos *símbolos*, como no caso do “pão e vinho na Santa Ceia” e a palavra “Batismo”; e ainda no ensino dos apóstolos através das *doutrinas* onde as metáforas são quase que indiscrimináveis em conceitos como “redenção”, “justificação”, “santificação”, etc.

Todos esses termos destacados constituem metáforas. São palavras que adquiriram significado diferente do literal em outro contexto. O uso dessas metáforas é uma indicação da intenção dos escritores neotestamentários e faz parte do ambiente e cultura em que estavam inseridos.

A partir disso, observamos pelo menos quatro dos mais importantes tipos de textos em que a linguagem metafórica é notória no NT: as parábolas, prédicas, doutrinas e símbolos.

A parábola é o estilo didático mais característico de Jesus, “Ela é um tipo de linguagem figurada em que se fazem comparações”... ela faz uma ampla analogia em forma de história” (ZUCK, 1994 p. 225). Uma parábola, é uma metáfora estendida, por isso , é uma forma literária imaginária, como tal deve ser lida e interpretada adequadamente. Sendo as metáforas a base das parábolas torna-se necessário considerarmos sua natureza imaginária, ou seja, elas têm o propósito de criar imagens nas mentes dos ouvintes/leitores. As parábolas de Jesus descontando as repetições nos Evangelhos, somam 35 (ZUCK, 1994, p.228, 29), e são essencialmente formadas por metáforas.

Segundo Berger, parábola (1998, p.13) “seria uma metáfora desenvolvida”, esse “desenvolvimento” seria uma história contada , a parábola faz por meio de uma história o mesmo que a metáfora faz por meio de uma palavra ou expressão, a diferença é que uma parábola nem sempre é um fato real, pode ser um fato fictício, criado pela mente daquele que profere a parábola.

Outro tipo de texto neotestamentário em que as metáforas aparecem com frequência são as prédicas ou sermões proferidos por Jesus e os apóstolos, talvez o mais famoso seja o chamado Sermão do Monte, nesse sermão encontramos entre outras, metáforas como *sal, luz, candeia, cidade, viga, cisco, cães, pérolas, porta,*

frutos e árvores. O uso dessas metáforas torna mais vívido o ensino, todos esses são elementos com os quais o ouvinte pode relacionar a sua própria vida.

Além do Sermão do Monte temos outras prédicas como alguns diálogos de Jesus com os discípulos e os outros, onde se faz uso de metáforas. Em diálogo com os discípulos (Mt 10. 6), Jesus os orienta a dirigirem-se às *προβάτα* (ovelhas) perdidas de Israel. Obviamente não os encorajava a exercer a função pastoril e sim de buscar acolher àqueles que desconheciam sua mensagem, por ele considerados como ovelhas que precisam de cuidado e orientação.

Além de Jesus, os apóstolos em seus ensinamentos e sermões também fazem uso de metáforas, por exemplo, o relato de Lucas sobre a conversa de Paulo com os presbíteros em Éfeso diz, “Cuidem ...de todo o *rebanho* ...pois sei que ... *lobos ferozes* penetrarão no meio de vocês” (At 20.28,29). Em seus ensinamentos por meio de cartas, Paulo usa termos como “...*mortos* em suas transgressões” (Ef 2.1) “...o *fruto* do Espírito é...(Gl 5 22)”, João em sua primeira carta usa entre outras, as seguintes metáforas “mas andamos nas *trevas*, mentimos e não praticamos a verdade ...Se porém andarmos na *luz*...” (Jo 1.6,7) e ainda “porque a *semente* de Deus permanece nele” (I Jo 3.9), Pedro faz uso de “*estrangeiros* e *peregrinos* no mundo” (I Pe 2.11), Em Tiago temos “a língua é um *fogo*, é um *mundo* de iniquidade” (Tg 3.6), entre outros.

Enfim, os apóstolos fazem uso dessa classe de palavras, que criam imagens e exprimem experiências, comunicando muito mais do que qualquer outra classe. Isso porque fazem parte da experiência cotidiana clara de cada ouvinte. Com isso já observamos a importância que o contexto tem para a compreensão da metáfora. John B. Cabel e Charles B. Wheeler (2003, p.35)

Observamos nessa relação que, repetidas vezes, uma ideia abstrata é substituída por alguma coisa específica e concreta e que a experiência cotidiana do público fornece fonte de onde é retirado o sentido. Quem na Palestina nunca tinha visto uma rocha? Quem não teria apreciado a força dessa metáfora favorita do salmista, que exprime a potente fidelidade de Deus num mundo de outro modo sitiado pela incerteza e pelo perigo? Qualquer ouvinte contemporâneo teria sentido o vigor da advertência de Paulo de que o Dia do Senhor “vem como ladrão noturno” (1 Tessalonicenses 5.2) ou da oração que diz para “perdoar as nossas dívidas assim como

perdoamos aos nossos devedores” (como diz o grego de Mateus 6.12), ou ainda da referência de Jesus a separa “ as ovelhas dos cabritos” no Dia do juízo (Mateus 25.32)

Existem ainda algumas ocorrências mais sutis em que as metáforas são utilizadas no NT, como é o caso das doutrinas que usam termos como *ἀπολύτρωσιν* (apolutrôsin) redenção (cf. Rm 3.24, I Co 1.30, Ef 1.7, I Tm 2.6, entre outros) retirado do contexto da escravidão e alforria de pessoas e terras, é metafórico e só pode ser entendido a partir da associação feita com o seu sentido literal, que é basicamente o “livramento de algum mal através do pagamento de um preço” (MORRIS, 2006 p1138,39), quando nos deparamos com metáforas dessa natureza o que deve estar presente em nossas mentes é a imagem da alforria de escravos mediante um pagamento de preço, o *redimido* é alguém que sem ajuda jamais poderia livrar-se, *redenção* é o pagamento de uma multa que sozinho jamais poderia pagar. No contexto cristão, Paulo usa esse conceito cheio de significado para expressar o livramento e soltura, que pelo preço do sacrifício de Cristo os cristãos recebem. Diante disso, percebemos que sem o conhecimento do significado literal da palavra muito do significado da metáfora pode perder-se ou tornar-se confuso.

Doutrinas como a *δικαίωσιν* (dikaiôsin) justificação (cf. Rm 4.25, 5.16,18), exemplificam um termo metafórico tirado da linguagem forense, um termo que em seu sentido original significa “absolver”, “declarar justo”, o oposto exato de “condenar”... a justificação é um fato próprio do Juiz... do ponto de vista do litigante... “ser justificado” significa “obter o veredicto” (PACKER, 2006, p. 746).

Em se tratando das metáforas com força doutrinária expressiva, temos ainda a *santificação* (cf. Rm 6.19, II Co 7.1, I Ts 4.3, I Tm 2.15, etc.), termo usado no NT de maneira metafórica e que era próprio das cerimônias culturais dos judeus, que basicamente significa “separar, dedicar, consagrar para uso exclusivo, considerado como sagrado em contraste com o comum, profano ou secular” (WALTERS, 2006, p. 1233). Esse termo no NT associa-se à condição ou estado moral e ético do cristão.

Poderíamos ainda citar termos associados a doutrinas como *Juízo, Corpo de Cristo, Penhor da herança*, entre outros, mostrando-os como termos metafóricos que de tão comuns quase se fundiram com um novo significado literal.

Por fim, os símbolos são outra espécie de palavras que usam imagens metafóricas no NT, símbolos como *água viva, pão, fogo, vinho, batismo*, entre outros, tem por material básico as metáforas. O símbolo em seu sentido primeiro “significa “lançar com, pôr junto com, juntar”. Isso implica primeiramente uma dualidade, depois uma unificação, junto duas coisas formando uma só... a unificação se faz por ajustamento” (GIRARD, 1995, p.26),. Os símbolos são muito parecidos com as metáforas até mesmo porque ambos utilizam a imagem para comparação e associação, podemos dizer, portanto, que os símbolos são como metáforas que foram transformadas pelo uso constante, pois “algumas imagens mentais bastante insistentes perseguem de tal forma o discurso da humanidade inteira que se tornam o que F. Wheelwright chama “metáforas arquetipais”, quase indiscerníveis da rede propriamente simbólica” (GIRARD 1995, p.49).

A diferença principal entre símbolo e metáfora está no fato de que o “símbolo se enraíza ainda mais fortemente no interior da alma humana”, ele está no subconsciente. Já as imagens metafóricas são o material desses símbolos.

Enfim, poderíamos ressaltar que toda essa diversidade textual de gêneros metafóricos encontrados na Bíblia alia-se ao fato de que a metáfora, conforme afirmamos anteriormente, cria uma correspondência, uma espécie de integração com os ouvintes/leitores. Ela corresponde ao cotidiano dos ouvintes, impeli-os a associações mentais que os leva a reflexão. Não é apenas decorativa, é convincente por este motivo.

A linguagem metafórica de maneira alguma desempenha o papel de um instrumento retórico esotérico ou decorativo que é acrescentado à linguagem cotidiana, mas ela é a linguagem cotidiana. Ela é essência de nosso pensamento [...] De modo correspondente, a linguagem conceptual ou abstrata é metafórica na medida em que a capacidade de generalizar depende de que se percebam semelhanças em meio às diferenças [...] A resposta mais importante à pergunta a respeito de por que as afirmações religiosas metafóricas são tão convincentes é que elas correspondem ao nosso jeito bem normal de pensar. (BERGER 1999, p 293)

Toda essa complexidade e riqueza conferem à metáfora ser alvo de diversos métodos interpretativos. Observaremos a seguir as inúmeras tradições da

hermenêutica bíblica que se comprometeram à interpretação dessa figura de linguagem.

3.2 Diferentes interpretações da metáfora bíblica

Diante de tão vastas ocorrências e usos da metáfora nos textos bíblicos muitos posicionamentos hermenêuticos surgiram no decorrer da história com a tentativa de orientar como se deve ler e interpretar textos metafóricos. Augustus Nicodemus Lopes, (2004, p. 23) observou que “não existe leitura e entendimento de um texto sem que haja interpretação, mesmo que ela se processe de forma inconsciente”. Essa leitura quando se trata de metáforas possui implicações histórico-culturais muito mais amplas. Existe, portanto certa distância histórico-cultural que no caso da interpretação metafórica bíblica, produz efeitos consideráveis. O mesmo texto metafórico neotestamentário foi lido de maneiras diversas no decorrer da História, em culturas e línguas diversas desde os ouvintes/leitores originais. Ou seja, em diferentes épocas a linguagem metafórica bíblica foi vista de diferentes ângulos, à luz de ambientes culturais e teológicos de cada escola hermenêutica, que se baseou em modelos interpretativos em vigor em sua própria época.

Por hermenêutica entende-se o processo de decifração de um conteúdo e de um significado manifestos para um significado latente ou escondido (PALMER, 1986). O termo hermenêutica tem sua origem etimológica a partir do nome do deus grego Hermes - o mensageiro dos deuses, por isso associa-se à interpretação, entendimento de uma mensagem. Remetia-se originalmente aos campos humanísticos, cujo significado, âmbito e clarificação fundamental em seu desenvolvimento adquiriram novas perspectivas a partir do Século XVII (DOMINGUES, 2004).

A hermenêutica moderna surgiu inicialmente como reflexão sobre os fundamentos e a metodologia referente à interpretação dos textos religiosos, literários e legais. Nessa pesquisa interessa-nos a hermenêutica bíblica que é a teoria da exegese da Bíblia, sendo justificada historicamente pela necessidade do

estabelecimento de regras específicas para a análise e compreensão dos textos da Bíblia.

A hermenêutica está diretamente associada à exegese (ἐξήγησις de ἐξηγεῖσθαι "levar para fora") que é uma explicação ou interpretação crítica de um texto bíblico. Trata-se, portanto de uma análise do texto bíblico que pode incluir a crítica textual e a classificação do tipo de gênero literário presente no texto, assim como análise de características gramaticais e sintáticas no texto propriamente dito.

A necessidade de uma exegese para o texto bíblico se explica quando consideramos que a compreensão espontânea, aquela que o leitor faria naturalmente enfrenta muitos obstáculos para o entendimento da mensagem. Entre eles temos os distanciamentos históricos; culturais, visto que a cultura original do texto é bastante diferente do leitor moderno; linguístico uma vez que estruturas e expressões idiomáticas podem ser completamente diferentes das nossas; e filosófico, mostrando diferenças e contrastes das cosmovisões de cada cultura, povo.

A interpretação da metáfora no texto neotestamentário, portanto, não pode ignorar os estudos da hermenêutica e da exegese, visto que muitos estudiosos já se debruçaram sobre a tarefa de analisar textos e termos bíblicos. Consideraremos a seguir tendências hermenêuticas de interpretação de metáforas. Assim, observaremos o quanto a leitura da metáfora pode mudar a depender do contexto de leitura.

O teólogo Paulo Anglada (2006) identifica pelo ao menos três correntes gerais nas quais as diversas escolas hermenêuticas poderiam ser agrupadas: a corrente subjetivista, a racionalista e a reformada. Notam-se nessa divisão, certas tendências ora místicas, ora racionais ou conservadoras em relação à interpretação do texto bíblico. Com isso vemos que o mesmo texto pôde ser lido com ênfases diferentes na história da hermenêutica.

Na gênese dessa hermenêutica, destacaram-se duas correntes: A Escola de Alexandria e a Escola de Antioquia. A respeito dessas correntes hermenêuticas, Glauco Barreira Magalhães Filho (2004, p. 34-35) afirma:

Entre os cristãos, inicialmente, existiam duas grandes escolas de hermenêutica bíblica: a Escola de Alexandria e a Escola de Antioquia. A primeira, tinha Clemente e Orígenes como seus grandes corifeus. Estes procuravam conciliar a mensagem cristã com a filosofia grega e, para a consumação de tal objetivo, alegorizavam os relatos históricos contidos na Escritura. Enquanto isso, os seguidores da Escola da Antioquia, prestigiando a compreensão mais óbvia dos textos, favoreciam uma interpretação mais literal. Acreditavam que, na Bíblia, existiam alegorias, no entanto, distinguiram a interpretação das Escrituras alegóricas da interpretação alegórica da Escritura.

A Escola de Antioquia possuía traços semelhantes com o que viria a ser a Escola da Exegese, pois ambas defendiam uma interpretação mais literal dos textos que essas correntes estudavam. Entretanto, é válido ressaltar que essas escolas possuíam motivos distintos para defenderem essa interpretação literal.

Durante a Idade Média, surgiram alguns célebres intérpretes do livro sagrado cristão, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, que deram grandes contribuições para a hermenêutica teológica cristã. Após isso, com o advento da Reforma Protestante, cresceu o número de igrejas independentes da Igreja Católica e, com isso, aumentou o número de interpretações diferentes da Bíblia. Tal fato propiciou um desenvolvimento, nunca antes visto, da hermenêutica bíblica e o surgimento de vários filósofos que eram estudiosos do livro sagrado cristão. Podemos perceber, pois, que a introdução da hermenêutica no campo da filosofia era somente questão de tempo.

A ciência da interpretação foi introduzida na filosofia por Friedrich Schleiermacher. Tal fato ocorreu devido à forma de interpretação da Bíblia que este filósofo sustentava. Na sua visão, o livro sagrado dos cristãos deveria ser interpretado “como um simples texto de natureza histórico-literária [...]” (MAGALHÃES, 2004, p. 37) Segundo Schleiermacher, esse tipo de aceção de sentido do texto poderia e deveria ser utilizada na interpretação de qualquer obra.

Desde o período Patrístico, no início do terceiro século, com as escolas de Alexandria e Antioquia, é visível que porções do texto bíblico que usam linguagem imaginária tendem a ser polemizantes ou extremistas. A Escola Alexandrina, por

exemplo, enfatizava, chegando mesmo ao exagero, o sentido subjetivo e alegórico² para interpretação de textos que pareciam obscuros ou enigmáticos no NT, como é o caso das parábolas e símbolos.

Essa escola foi fortemente influenciada por Heráclito e Platão, filósofos gregos que defendiam “o conceito de que a verdade se encontra alegoricamente oculta além da letra e da realidade visível” (LOPES, 2004, p. 130). Os alexandrinos tiveram como um dos principais representantes Clemente de Alexandria, esse afirmou que qualquer passagem da Bíblia pode ter até cinco significados: histórico, doutrinário, profético, filosófico e místico, além de Clemente outro destaque é Orígenes, homem muito culto que desconsiderava fortemente o sentido literal do texto bíblico. Na mesma época, no fim do terceiro século, surge em contra partida a escola de Antioquia, que “avançava no sentido de uma exegese verdadeiramente científica, reconhecendo a necessidade de determinar o sentido original da Bíblia” (BERKHOF, 1981, p.23), essa escola buscava evitar a subjetividade alegorista descontrolada através de uma busca do sentido simples e evidente das Escrituras.

Essas escolas hermenêuticas influenciaram mais tarde os Pais Latinos, situados no século quarto e quinto, pais da Igreja que escreveram em latim, que seguiam via de regra um sistema interpretativo parecido com os dos antioquinos, e “cuja influência haveria de perpetuar-se na Igreja,” (LOPES, 2004, p. 139) dentre eles podemos citar como um ótimo ponto de partida para verificarmos a relação do literal com o figural, Agostinho (359-430 d.C.), o bispo de Hipona, norte da África fazia uso de alegorias, e determinava o seguinte critério para o uso figurativo das escrituras, “Se um texto bíblico parece não ensinar uma verdade da fé nem ilustra o amor de Deus ao próximo, deve ser lido como figurativo” (VANHOOZER, 2005, p.141), prova disso é a famosa interpretação alegórica que faz da parábola do bom samaritano, onde declara que

o homem que caiu nas mãos dos salteadores é Adão, Jerusalém é o céu, Jericó a condição mortal do ser humano, os salteadores são o diabo e seus anjos, que roubaram a imortalidade da vítima [...] o sacerdote é a lei, o levita os profetas, o bom samaritano é Cristo, [...]

² No sentido alegórico o intérprete procura um sentido oculto, ou obscuro que se acha por trás do significado mais evidente do texto. (Zuck, 1994, p. 34) . Esse tipo de método interpretativo desconsidera o sentido literal do texto.

o azeite a esperança, o vinho o espírito fervoroso, [...], a hospedaria é a Igreja, o dia seguinte a ressurreição de Cristo [...] o hospedeiro é o Apóstolo Paulo "(ZUCK, 1994 p. 249)

Nesse período, textos metafóricos eram entendidos como verdade que precisava ser desvendada, como se estivesse codificada, guardando um sentido mais profundo e real que só podia ser percebido por pessoas iniciadas.

Esse é o cenário que influencia o extenso período da Idade Média (séc. V – XVI), onde a predominância da alegoria foi característico, era comum nesse período o emprego de cadeias de interpretação formadas a partir dos comentários dos pais da Igreja, eram os chamados “encadeamentos” (ZUCK, 1994, p. 48), é a época em que a tradição dos Pais da Igreja com seus próprios métodos interpretativos era a autoridade mais relevante.

Mais tarde no século XIV e seguintes, com a Reforma Protestante influenciada pelos pensamentos Renascentistas que reavivou o interesse pela literatura clássica, até mesmo pelo hebraico e pelo grego, ressurgiu a importância gramatical para a interpretação do texto bíblico, além da consideração do contexto e intenção dos autores originais. Essa reforma hermenêutica contribuiu para o entendimento de textos figurados como a metáfora, trazendo-lhes significações literais. Como aponta Nicodemus Lopes:

O fato de que os Reformadores rejeitaram a *alegorese* escolástica não os levou a conclusão de que não havia passagens de sentido figurado nas Escrituras. Calvino por exemplo, estava perfeitamente consciente da existência de passagens figuradas e metáforas na Escritura. (LOPES, 2004, p.161)

Os reformadores contribuíram significativamente para a interpretação bíblica em geral, incluindo textos metafóricos, já que enfatizavam a importância do sentido literal gramático-histórico do texto, uma vez que a compreensão das metáforas está intimamente ligada a história, cultura e gramática oriental.

O advento do Iluminismo na Idade Moderna também influenciou significativamente a interpretação metafórica bíblica no sentido de “racionalizar e

utilizar pressuposições filosóficas” (LOPES, 2004, p. 183) para a interpretação bíblica.

São exemplos dessa influência as Metodologias Críticas, entre as quais estão a Crítica das fontes, a Crítica das formas e a Crítica da redação, elas procuraram investigar respectivamente quais as fontes diversas usadas para a composição do texto bíblico, como essas fontes adquiriram por meio de tradições, oralidade, coleção e harmonização as formas que temos hoje e como foram selecionadas, editadas e utilizadas pelos arquivistas e colecionadores.

Essas investigações contribuíram para o chamado “método histórico-crítico” que conforme observa Nicodemus Lopes (2004, p.194) levou os estudiosos bíblicos a avançar em alguns aspectos do conhecimento de como a Bíblia foi feita e na plausibilidade do contexto e estilo de produção textual bíblico.

O método histórico-crítico surgido na modernidade (séc. XVIII - XX), perdeu sua influência nas décadas de 70 e 80, percebe-se um distanciamento do sentido literal do texto bíblico e isso traz implicações para a leitura de textos metafóricos Nicodemus Lopes (2004, p. 203) faz uma considerável observação,

“ O pêndulo hermenêutico da história dos intérpretes as Bíblia está se movendo outra vez, saindo do campo mais literalista para o além-do-literal, numa versão pós moderna da antiga *alegorese* Alexandrina. Essa é a tendência atual”

Percebe-se que hoje na cultura ocidental parece haver dois métodos contrastantes interpretativos de textos figurados. Um “busca decifrar e localizar um significado determinado estável” outro “ afirma o jogo dos signos e desiste da busca por alguma posição vantajosa fora da linguagem” (VANHOOZER, 2005, p. 166)

3.3 Metáfora bíblica e ponto de semelhança

É peculiar às metáforas a presença de um ponto de comparação, uma espécie de ponto de semelhança entre o objeto que pode ser um conceito ou pessoa, e a imagem que serve como metáfora. por exemplo, em Jo 10.11,14 Jesus

diz “ Eu sou o bom pastor”, nesse caso *Jesus* é o objeto e a imagem é o *bom pastor*, quando a metáfora estabelece a comparação entre o objeto e a imagem , é possível que existam inúmeras sugestões de semelhança entre *Jesus* e um *bom pastor* .

Quando o autor faz uso da metáfora e deixa de forma implícita a comparação, permite que o ouvinte perceba qual das inúmeras sugestões de semelhança entre *Jesus* e o bom pastor é a que se aplica melhor ao texto, essa percepção é tarefa do leitor, e o elemento específico de comparação é chamado de *tertium comparationis*, como observa Berkof, (1981, p.89)

O intérprete deve esforçar-se por descobrir a ideia principal, a TERTIUM COMPARATIONIS [comparação de termos, sem dar demasiada ênfase aos detalhes. Quando os autores bíblicos empregam metáforas, tinham em geral algum ponto específico em mente. E mesmo que o intérprete seja capaz de descobrir outros pontos, deve se limitar aos que fazem parte da intenção do autor. Em Romanos 8, Paulo diz, num arroubo de segurança: “ E se filhos, também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo.” É perfeitamente claro que ele se refere às bênçãos que os crentes recebem com Cristo do seu Pai comum. A metáfora contida na palavra “herdeiro” poderia ser forçada demais se quiséssemos que ela significasse a morte do Pai como testador. Uma passagem como Apocalipse 16,15 mostra como é perigoso aplicar uma passagem figurada. Aí lemos: “Eis que venho como ladrão”. O texto geralmente determinará até onde se pode aplicar a figura.

Isso significa dizer que deve haver um termo exato que deve ser assemelhado à despeito dos outros. No exemplo dado anteriormente, temos a facilidade de que o contexto logo na sequência da metáfora oferece a indicação explícita de qual termo de semelhança exato *Jesus* se refere ao se denominar como bom pastor, Jo 10.11,14 diz que Ele é o bom pastor porque *dá a vida por suas ovelhas* e porque *conhece suas ovelhas e elas o conhecem*, mas nem sempre o contexto esclarece explicitamente o termo de comparação, por vezes acontece o que ressalta John Beekman (1992 p.129):

Algumas vezes a imagem estabelece mais que um ponto de semelhança, por ex.em I Pe 2.4 a pedra – “pode sugerir estado de permanência, uma pessoa boba, algo ou alguém que destrói, peso, força, utilidade para moer, um tropeço, dureza ou algo que se afunda facilmente”, o leitor precisa reconhecer o verdadeiro ponto de semelhança, do contrário a mensagem estará incompleta e portanto , ele procura usar aquele ponto de semelhança que lhe parece mais lógico , tenta escolher o ponto que faz sentido em sua opinião e que não entra em choque com sua religião e cultura, mesmo sendo um cristão, e mesmo que haja no contexto alguma indicação do sentido verdadeiro, o leitor fará uma escolha razoável conforme as normas da sua cultura.

A compreensão por parte do leitor de qual é o termo de semelhança exato ao qual se refere a metáfora é de suma importância para a compreensão do significado, se o leitor não compreender, ou compreender mal o ponto de semelhança todo o significado estará comprometido, e a metáfora ao invés de auxiliar na compreensão irá gerar compreensão diferente.

Se tomarmos como exemplo a metáfora “Eis que venho como ladrão!” ditas por Jesus a João em Apocalipse 16.15, veremos que a palavra “ladrão” levanta uma série de associações todas de cunho negativo ligadas à ilegalidade, ao mau-caratismo, à injustiça, à violência entre outras coisas. Isso causaria estranheza principalmente se considerarmos que Jesus fazia tal afirmação a respeito de si mesmo.

É a análise do contexto e a busca do termo de comparação que nos conduz a perceber que a semelhança entre um ladrão e Jesus não se dava por nenhuma característica como a ilegalidade, mau-caratismo, injustiça ou violência e sim pelo fato de que a promessa de que voltaria para buscar seus fieis que sofriam se daria de surpresa como a chegada de um ladrão. Basta olharmos o contexto completo da metáfora considerando o texto em que está inserida “Eis que venho como ladrão! Feliz aquele que permanece vigilante.” Nitidamente a intenção é levar os fieis a “vigiar”, manterem-se em estado de alerta para o momento de sua prometida volta.

Por isso, a metáfora propõe a reflexão do ouvinte/leitor, não lhe é exposta apenas uma informação, a metáfora oferece uma espécie de participação no texto, o ouvinte/leitor precisa refletir a respeito da palavra antes de encontrar seu significado

para descobrir qual o termo de semelhança adequado. Berger (1998, p.34) entende essa questão analisando que a metáfora não indica qual qualidade do objeto está sendo esclarecida pela imagem, considera que “na metáfora, descobrir isso é antes a tarefa do ouvinte/leitor, e a criatividade que nisso se deve investir torna a metáfora emocionalmente interessante”.

Essa participação do ouvinte /leitor é como descreve Berger “emocionalmente interessante”, e de extremo valor interativo, mas também é nesse ponto que se estabelece o maior problema para a compreensão das metáforas, pois, “as metáforas deixam aberto o espaço para atividade do ouvinte e a possibilidade dele não entender o jogo, ou mais tarde, na liberdade que lhe foi deixada, de fazer novas associações, já que a imagem é polivalente” (BERGER,1998, p.35). Essa liberdade que as metáforas dão aos leitores causa certa tensão. Por conta da contribuição reflexiva que oferece ao leitor, há intérpretes que acreditam existir apenas um termo de comparação correto, já outros pensam haver inúmeras possibilidades distintas de comparação. Por isso, levanta-se o questionamento sobre se as metáforas são “traduzíveis” ou “intraduzíveis”³.

3.4 Univocidade e plurivocidade da metáfora bíblica

Uma discrepância quanto ao significado de textos metafóricos surge entre teóricos que se dedicam ao estudo do texto bíblico. Autores, como o alemão Klaus Berger e o americano Roy Zuck, valorizam o caráter “traduzível” da metáfora, considerando que é possível desmontá-las, captar as conotações das metáforas e assim perfraseá-las, Berger (1998, p.34) considera: “Quem declara intraduzíveis as metáforas cria um vácuo incontrolável, desarma o pregador e dribla habilmente o que seria a tarefa do teólogo”, para Zuck (1994, p.172), a linguagem figurada das metáforas “deve ser interpretada no seu sentido normal, histórico, gramatical, sem lhes atribuir um sentido que não foi pretendido”.

³ Considerar uma metáfora “traduzível” é dizer que é possível estabelecer um sentido literal exato para ela, é possível desmontá-la e expressá-la em linguagem literal. Quem a considera “intraduzível”, acredita que elas são ambíguas e não possuem um sentido claro, portanto não é possível traduzi-las em linguagem literal.

Autores como eles destacam a univocidade ⁴ das metáforas, entendem que elas desejam expressar um sentido exato e claro mesmo que possua diversos níveis semânticos, afirmando ser possível traduzi-las e consideram-nas perfeitamente compreensíveis.

A univocidade das metáforas pode encontrar fundamento no pensamento retórico que afirma a necessidade que as palavras têm de ter um significado específico. Aristóteles declara em *Metafísica*- livro IV, 1006b34 “se alguém dissesse que a palavra tem um número infinito de significados, é óbvio que a argumentação seria impossível; pois não ter um significado é não ter significado” (ANGIONI, 2007, p. 21). Dessa forma, defende-se que os enunciados não têm significados ilimitados, eles precisam ter ao menos um significado para poder fazer sentido e ser comunicável.

Faz parte de todo o texto ser interpretado, mesmo a linguagem metafórica em um texto bíblico necessita ser elucidado. “A interpretação é obra dos conceitos. Ela não pode evitar ser um trabalho de elucidação [...] e conseqüentemente uma luta por univocidade” (RICOEUR apud VANHOOZER, 2005, p.153)

Porém existem compreensões diferentes nas tendências mais atuais, que vão considerar as metáforas “intraduzíveis”, Kevin Vanhoozer (2005, p.154) observa que no novo paradigma da textualidade “metáforas são ambíguas: elas não possuem um sentido claro, de forma que não podem originar um conhecimento visível e distinto”, Vanhoozer cita como representante desse pensamento Umberto Eco que considera a instabilidade das palavras e textos, Eco chama isso de “deriva hermética” (ECO apud VANHOOZER, 2005, p.154), uma espécie de movimentação e liberdade que certas palavras como as metáforas têm com relação a um significado e avalia que “nas metáforas o significado recusa-se a ficar parado”, essa tendência interpretativa irá considerar a equivocidade⁵ das metáforas, observando que a interpretação metafórica deveria ser, conforme, Jacques Derrida “criativa, marcada pela livre associação, irredutível à paráfrase literal, equívoca” (DERRIDA apud VANHOOZER, 2005, p. 160).

⁴ Qualidade de unívoco, aquilo que só comporta uma forma de interpretação (Dicionário Aurélio século XXI)

⁵ Que tem mais de um sentido ou se presta a mais de uma interpretação; ambíguo: (Dicionário Aurélio século XXI)

Ao contrário do que defende a interpretação unívoca da metáfora, a plurivocidade metafórica destaca que as figuras de linguagem bíblicas são conceitualmente impuras, recusando uma clareza absoluta de conceito.

“O objetivo de muitos teólogos é reproduzir toda a dimensão da verdade bíblica em um sistema conceitual coerente. A teologia aspira à absoluta clareza do conceito; as metáforas são conceitualmente impuras. Entretanto, [...] essa iniciativa é equivocada [...] Nenhuma paráfrase, nenhum comentário ou teologia sistemática pode jamais esgotar as riquezas da metáfora.” (VANHOOZER, 2005 p.163)

Assim, não haveria possibilidade de parafrasear uma metáfora devido às vastas possibilidades de interpretação possíveis.

Há ainda uma terceira linha de pensamento que considera a participação do ouvinte/leitor na interpretação metafórica de forma reflexiva. É o que destaca Vanhoozer (2005, p.171),

existe uma terceira possibilidade, uma alternativa entre a interpretação absoluta e a anárquica... é um tipo de interpretação nem absoluta nem arbitrária, que produz conhecimento *adequado* – adequado ao propósito de entender. Pode ser que os intérpretes não saibam tudo, mas eles frequentemente sabem o *suficiente* – o suficiente para entender um texto e responder a ele apropriadamente ... (isso) pode assegurar que a interpretação será *responsável*. Em contraponto ao ceticismo dos desfazedores, eu argumento que a interpretação não é um caso de tudo ou nada ... não precisamos escolher entre um significado que é inteiramente determinado ou um significado que seja totalmente indeterminado [...] pode muito bem ser que o adiamento do significado , não seja um estado permanente , apenas temporário.

Esse adiamento do significado permite que a participação do ouvinte/leitor seja desafiadora e constante. A participação do leitor não implica reduzir a metáfora a um significado apenas, obviamente continua sendo plurívoca e irreduzível, porém

Precisamos respeitar a irreduzibilidade da metáfora. No entanto também é importante preservar a capacidade do intérprete de dizer

alguma coisa sobre o significado da metáfora [...] as metáforas, como os textos, são determinadas o suficiente para transmitirem um significado estável sem ser exaustivamente especificáveis. As metáforas [...] não são totalmente unívocas nem totalmente equívocas. (VANHOOZER, 2005, p.171)

Um exemplo dessa discussão entre a inesgotabilidade e indeterminação está na metáfora Deus como pai, embora essa metáfora não produza um único sentido correto ou literal, dá origem a um modelo relativamente estável que exerce uma função reguladora para qualquer linguagem, ou pensamento sobre Deus a partir dessa metáfora. Pode-se pensar em proteção, criação, providencia entre outras coisas, mas todas relacionadas às ideias associadas a Pai.

Pensar assim nos leva a considerar ambos os lados. Tanto a determinação quando a indeterminação dos sentidos de uma metáfora. “Os textos podem ser determinados o suficiente para transmitir o significado sem ser suficientemente especificáveis para superar todas as ambiguidades” (VANHOOZER, 2005, p. 171)

Diante de tantas possibilidades quanto à interpretação e entendimento de textos metafóricos, Vanhoozer questiona se haveria métodos interpretativos melhores ou piores e se é possível que os intérpretes reivindicuem uma verdade em relação a textos figurados. Com isso propõe que a participação do ouvinte/leitor na interpretação de metáforas bíblicas deve ser responsável, considerando o contexto histórico-gramatical, mas atento também à possibilidade de que nem sempre isso será o suficiente.

Dessa forma, o leitor de metáforas bíblicas participa do seu significado, na medida em que o descobre e o associa embora de maneira livre, mas sempre balizado pelo contexto histórico-gramatical. Essa liberdade do leitor está no fato de que as metáforas são comparações feitas de modo implícito, nem sempre estão muito claras, proporcionando assim a contribuição e reflexão do interlocutor.

O envolvimento do leitor na interpretação da metáfora bíblica configura um novo mundo para o discurso, para onde o leitor é atraído. Ao participar da construção do sentido, o leitor é apresentado a uma nova realidade, uma nova visão a partir dos elementos assemelhados pela metáfora. O valor dessa nova visão da

realidade depende inteiramente da correlação entre o mundo da experiência do autor e o mundo da experiência do leitor.

O problema se instaura no fato de que essa correlação com o mundo da experiência do autor não podia ser garantida nem mesmo nos tempos bíblicos. Outros autores como Paulo, muitas vezes foi mal entendido:

Tenham em mente que a paciência de nosso Senhor significa salvação, como também o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles. 2 Pe 3:15,16.

Nesse trecho, o apóstolo Pedro, contemporâneo a Paulo admite que algumas de suas palavras continham palavras difíceis de entender e que acabavam causando distorção das ideias que de fato Paulo queria transmitir

Esse problema vai se agravando com o passar dos séculos. Distantes no tempo e no espaço da produção da metáfora e da experiência do autor o leitor atual se vê diante de um grande desafio criado pelo distanciamento.

Tal impasse pode ser equilibrado se considerarmos que o contexto fornece uma espécie de baliza orientadora. E, portanto, para a leitura de um texto como o bíblico, é necessária uma investigação do contexto, em outras palavras

as linhas de ligação entre o texto e sua situação [...] não nos permite interpretar uma imagem a nosso bel-prazer [...] a causação e o efeito são profundamente condicionados e coloridos pelo contexto histórico real o que nos leva observar que as metáforas [...] sem ser previsíveis, podem se tornar compreensíveis. (BERGER, 1998, p.35)

O contexto, portanto, é decisivo para a compreensão das metáforas, pois é ele que nos situará mais próximo da experiência do autor no momento de produção.

Apesar disso, é inevitável constatar que “metáforas compõe um jogo verbal de êxito indefinido, quando o jogo dá certo no sentido pretendido pelo falante,

estabelece-se uma comunhão”, pode ser que essa comunhão não seja estabelecida, e o *jogo* não dê certo, esse é um risco a se correr quando se faz uso de descrições implícitas, porém “... é exatamente a renúncia a uma descrição explícita [...] que faz experimentar como dádiva o entendimento comum” (BERGER, 1998, p.36).

Sobre a importância do meio para compreensão do enunciado afirmou Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, que o que pauta e organiza toda enunciação e toda a expressão está situado no meio social. Por isso, todo discurso é dialogicamente marcado.

O *centro* organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura e não ideologicamente marcada. (BAKHTIN, 2006, p. 123,124)

Dessa forma, para a leitura de uma metáfora é preciso investigar em que momento se deu tal enunciado, quais os interlocutores envolvidos a fim de que não surjam equívocos na compreensão do enunciado.

Apesar da distância histórica e cultural do contexto neotestamentário acredita-se, como ressalta Berger (1998, p.34), que as metáforas conseguem ter “um sentido que se pode reconstruir [...] as associações hoje são outras, mas será igualmente possível verbalizá-las”. Isso nos permite afirmar que as metáforas são duráveis nas mentes dos ouvintes/leitores, são “eternas”.

A afirmação de que se pode reconstruir o sentido das metáforas, mesmo as mais distanciadas pelo tempo, parece não estar de acordo com as afirmações de Ricoeur que defende a máxima de que “as verdadeiras metáforas não são traduzíveis”. Contudo, dizer que não são traduzíveis literalmente não significa dizer que não possam ser parafraseadas, e sim que “tal parafrase é infinita e incapaz de esgotar o significado inovador” (RICOEUR apud VANHOZER, 2005, p. 156)

É importante ilustrarmos esse pensamento com exemplos de interpretações do texto bíblico. No livro de Apocalipse, um dos mais metafóricos existentes, temos no capítulo 5, versículo 1 o relato do apóstolo João a respeito de uma visão que tivera do céu em que vira um livro especial. Tratava-se de um rolo escrito de ambos

os lados e selado com sete selos: “Então vi na mão direita daquele que está assentado no trono um livro em forma de rolo escrito de ambos os lados e selado com sete selos.”

A imagem do livro (rolo) pode remeter “ao testamento romano (que era selado com sete selos), contendo uma herança ou a um contrato de compromisso de compra e venda de imóvel, contendo bênçãos e maldições.” (OSBORNE, 2009, p 151). Ambos se encaixam na imagem, mas o leitor de hoje provavelmente não terá consciência dessas opções se não conhecer os costumes antigos. Assim, todo o simbolismo ligado a Apocalipse 5 fica evidente quando se descobre as informações do contexto histórico ligados ao texto.

Não podemos afirmar, contudo que um leitor que desconhece tais informações não seja capaz de compreender o relato, mesmo sem saber que se trata de um testamento antigo ou de um contrato com condições (o que não podemos afirmar com absoluta certeza), é possível perceber que se trata de um documento importante, visto que está selado, e imediatamente associá-lo à imagem de documentos e certificados que temos hoje. A mensagem, mesmo sem a profundidade de todo o contexto de produção, tem garantia de entendimento.

Na interpretação de textos metafóricos bíblicos não podemos descartar a importância do contexto. Na maioria das vezes ele será norteador para identificarmos a característica em comum entre a imagem e o termo comparado.

Tomemos como exemplo a palavra “serpente” registrada em duas ocasiões no evangelho de Mateus. No capítulo em 10:16, Jesus, ao orientar seus discípulos que fossem e a anunciassem sua mensagem por cidades e povoados vizinhos, alerta: “Eu os estou enviando como ovelhas entre lobos. Portanto, sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas.” A palavra “serpente” (ὄφεις-opheis) é aplicada positivamente, ressaltando a prudência do animal e orienta seus discípulos a serem como as serpentes.

Em segunda ocasião, no mesmo livro 23:33, em um discurso contra os fariseus, grupo religioso que perseguia Jesus e condenava seus ensinamentos, Jesus, após um longo discurso imprecatório, diz: “Serpentes! Raça de víboras! Como vocês escaparão da condenação ao inferno?” Nota-se que a mesma palavra “serpente” (ὄφεις-opheis) é usada com conotação negativa, evidenciando a

peçonha, o lado traiçoeiro da serpente. O contexto imediato anterior a essa declaração critica a hipocrisia e maldade desse grupo religioso que praticava forte discriminação e impunha pesadas exigências aos fiéis. Jesus deixa claro que eles transmitiam uma imagem diferente de suas práticas e chega ao fim de seu discurso com a inflamada declaração metafórica chamando-os de “serpentes e víboras”.

A mesma palavra foi usada figuradamente como símile e metáfora para finalidades totalmente opostas. Essa dinâmica literária nos aponta para a riqueza da Bíblia enquanto literatura e para o valor do contexto para compreensão das linguagens figuradas bíblicas.

É importante concluir essas discussões sobre os possíveis sentidos de um texto metafórico salientando que a intencionalidade e a situação histórica, embora sejam de grande importância no auxílio da significação, não substituem a dinamicidade do texto.

Não a intenção do autor, que se supõe estar escondida por trás do texto; não a situação histórica comum ao autor e seus leitores originais; não as expectativas e sentimentos desses leitores originais, nem mesmo a compreensão deles mesmos como fenômeno histórico cultural. O que se deve tomar posse é do significado do texto em si, concebido de um modo dinâmico como a direção do pensamento aberto pelo texto. (RICOEUR, 2004, p. 24)

O que pretendemos nessa seção foi levantar as possibilidades interpretativas da metáfora bíblica, para considerá-las de forma prática na aplicação de interpretações unívocas ou não do texto de objeto desta pesquisa.

3.5 Método pragmático de interpretação metafórica

Há diversas possibilidades metodológicas para a realização da leitura da metáfora no texto bíblico. Entendemos que o método pragmático que descreveremos a seguir, é o que atende melhor nosso objetivo.

Pragmática, segundo Yule (1996, p. 3), *It is the study of the speaker's meaning*⁶. Ou seja, essa disciplina tem como objetivo principal estudar qual o significado que o usuário da língua quer dá à sua mensagem, e também, a significação que o ouvinte constrói ao interpretar determinada mensagem.

Escolhemos o método pragmático porque, diferentemente da abordagem semântica, esse método considera a intencionalidade do falante, do autor da metáfora. Para a análise do Sermão do Monte, que faremos no próximo capítulo, a intenção e os contextos são bastante significativos e constroem o sentido das metáforas, bem mais do que a própria expressão metafórica.

Uma metáfora é percebida geralmente quando, diante de uma leitura imediata surge certo desconforto. Observamos isso quando palavras de realidades diferentes são colocadas em comparação ou atribuí-se a um referente algo que não faz parte de seu contexto significativo. Uma vez constatada a impertinência entre contexto e significados, o receptor da mensagem vai aplicar à situação uma espécie de procedimento interpretativo. Buscará encontrá-lo entre as duas realidades diferentes que foram relacionadas. Se a aplicação for plausível tem-se a interpretação de uma metáfora, caso contrário, uma impropriedade ou incompreensão do texto metafórico.

Diante disso, observaremos a contribuição da pragmática para a compreensão de textos com forte carga figurativa. Segundo Levinson (1983, p.156),

uma abordagem pragmática será baseada na pressuposição que o conteúdo metafórico dos enunciados não será obtido por princípios de interpretação semântica; a semântica fornecerá apenas o significado literal ou convencional das expressões envolvidas, a partir daí, somando-se os detalhes do contexto, a pragmática terá de fornecer a interpretação metafórica.⁷

⁶ É o estudo do significado do falante.

⁷ A pragmatic approach will be based on the assumption that the metaphorical content of utterances will not be derived by principles of semantic interpretation; rather the semantics will just provide a characterization of the literal meaning or conventional content of the expressions involved, and from this, together with details of the context, the pragmatics will have to provide the metaphorical interpretation. (tradução minha)

Não descartando o estudo das metáforas por outras áreas do estudo da linguagem, caberia à Pragmática estudá-la, tendo como objetivos aqueles sugeridos por Levinson (1983, p. 161)

São eles:

1. identificar as metáforas;
2. descrever como elas são construídas e reconhecidas;
3. descrever suas condições de uso;
4. descrever como os contextos restringem as interpretações.

Aplicando esses procedimentos interpretativos a um texto com conteúdo metafórico teríamos o seguinte resultado:

“Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com seu próprio sangue. Sei que depois da minha partida lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho” (At 20.28,29).

Nesse texto, atribuído ao apóstolo Paulo, seria possível, inicialmente, identificar as metáforas “Rebanho” “pastorearem”; “comprou” (por seu próprio sangue); “lobos ferozes”. Conforme descrito no método pragmático, a metáfora é a palavra que provoca diferença entre o contexto e a palavra enunciada. As expressões destacadas são as metáforas identificadas no texto de análise.

Em um segundo momento, poderíamos descrever como tais imagens são construídas. Assim, observamos que as metáforas são construídas ao redor de dois contextos: pastoreio, que inclui “rebanho”, “pastorear” e “lobos ferozes”; e mercado de escravos, que inclui a compra de pessoas. Podemos dizer que são assim construídas e reconhecidas porque as expressões “Rebanho”, “pastorearem”, “comprou” (por seu próprio sangue)” e “lobos ferozes” não fazem parte do contexto natural de onde o texto foi retirado. Esse contexto será abordado posteriormente.

Um terceiro passo para a análise pragmática das metáforas em Atos 20:28,29 é a descrição de suas condições de uso. Notamos que as metáforas destacadas são usadas para associar:

- rebanho com cristãos;
- pastorear com o ato de liderar cristãos;
- lobos ferozes como os inimigos do “rebanho” e por associação inimigos dos cristãos;
- comprar com a ideia de pertencimento que os cristão têm a Cristo a partir de sua morte na cruz, entende-se que os cristãos foram “comprados” pelo “sangue de Jesus (sua morte) para a Ele pertencerem;

Por fim, descrevemos como os contextos restringem as interpretações. Dessa forma consideramos que o texto analisado é parte de um discurso de despedida que o apóstolo Paulo teria feito aos seus liderados cristãos da cidade asiática de Éfeso, os quais eram líderes por sua vez de recém-convertidos dessa cidade. A ocasião era a de uma viagem que o missionário faria da qual certamente não retornaria mais.

Considerando esse contexto, só podemos interpretar figuradamente as ideias de “rebanho e pastor”. Certamente o apóstolo não se dirigia a camponeses cuja função era cuidar de ovelhas literalmente, mas sim dava orientações, devido a sua partida, de que aqueles líderes deveriam cuidar uns dos outros e dos demais como um pastor literal faria com suas ovelhas, protegendo-as de “lobos ferozes” no contexto, homens que distorceriam os ensinamentos cristãos por ele passado.

Quanto à ideia da “compra” pelo sangue de Jesus, temos o contexto de gratidão de pessoas que passaram à devoção a Cristo, o qual se sacrificou por eles, pagando com sua morte para que seus pecados fossem perdoados. Assim, para aqueles cristãos, o ato de morte de Jesus funcionou como uma “compra” de pessoas que eram “escravos” do pecado para a liberdade que o perdão traz.

Esses contextos, portanto, jamais nos permitiriam inferir que se tratava de pastores literais de ovelhas ou de escravos que passaram de um para outro senhor literal.

Uma segunda possibilidade de análise metafórica seriam os passos apresentados por Steen (1999), que propõem um mapeamento conceitual das metáforas a fim de que se encontre um possível significado às mesmas.

São eles:

- 1- identificação do foco da metáfora - *metaphor focus identification*
- 2- identificação da ideia metafórica - *metaphorical idea identification*
- 3- identificação da comparação não-literal - *nonliteral comparison identification*
- 4- identificação da analogia não-literal - *nonliteral analogy identification*
- 5- identificação do mapeamento não-literal - *nonliteral mapping identification*. (CARVALHO, 2009)

Os três primeiros passos respondem às perguntas O que é? (1) qual é o foco da metáfora, (2) qual é a proposição da metáfora? e (3) qual é a comparação metafórica? A questão 4 é a mais difícil, pois ela requer o preenchimento de espaços vazios na analogia com base na interpretação de foco e identificação de veículo interagindo mutuamente. Contexto e uso de linguagem podem ser a resposta para essa questão. Essa resposta deve ser vista como um alicerce para a construção de um mapeamento não-literal, que por sua vez deverá ser examinado no discurso, mas sem dúvida alguma, essencial para se entender a metáfora. Quanto ao passo 5, o autor menciona que aquele atua como o verificador do passo 4, detalhando suas consequências de uma maneira mais complexa e explícita.

Ambas as sugestões de análise, consideram em primeiro lugar a identificação da metáfora e da imagem sugerida para apenas depois investigar as possibilidades interpretativas levantadas. Aplicaremos esses princípios de identificação e investigação para a análise das metáforas selecionadas no texto-objeto desta pesquisa: O Sermão do Monte.

4 As metáforas no Sermão do Monte

Nesse capítulo analisaremos as metáforas presentes no Sermão do Monte registrado nos três primeiros evangelhos, chamados de sinóticos por J.J. Griesbach, teólogo alemão no final do século XVIII.

“O adjetivo sinótico vem do grego σύνοψις (*synopsis*) que significa “ver em conjunto” (CARSON, 1997, p. 19). Griesbach escolheu a palavra devido ao alto grau de semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas em suas apresentações do ministério de Jesus.” Observam-se semelhanças na estrutura, conteúdo e enfoque nos três evangelhos.

O Sermão do Monte ou da Montanha é o discurso mais conhecido de Jesus. Nele constam alguns dos ensinamentos mais reproduzidos e polemizantes de Jesus. Isso porque boa parte da ética cristã está baseada neste sermão e muitos leitores, desde os mais informais aos teólogos e estudiosos da Bíblia, encontram nele ensinamentos radicais de ética e conduta cristã. Por vezes, esses ensinamentos parecem confusos não só pelo conteúdo, mas principalmente pela forma em que foram registrados, com linguagem fortemente figurativa. É esse aspecto que iremos analisar: as metáforas presentes no discurso ético de Jesus.

Ao analisá-las, iremos destacar o termo comparante (a imagem sugerida) e o termo comparado (o item explícito) relacionando-os com o elemento comum compartilhado entre os termos. É nesse elemento comum compartilhado que se encontra o significado da metáfora. Faz-se necessário, contudo observar que, conforme afirmamos no capítulo anterior, as metáforas nem sempre são traduzíveis e por vezes, apresentam significado equívoco. Buscaremos, entretanto, apresentar possíveis sentidos amparados pelo contexto de produção, intencionalidade e pelos termos em sua língua original.

O Sermão do Monte é um longo discurso de Jesus Cristo que se acredita resultar da reunião de discursos ocorridos em momentos distintos. Principalmente porque a porção mais considerável está registrada em Mateus e em Lucas, cujos estilos se caracterizam pela reunião de discursos fragmentados de Jesus. É o que observa Calvino:

"O plano desses dois evangelistas era o de reunir num só lugar os pontos principais da doutrina de Cristo que se relacionam com uma vida devota e santa. [Assim, o sermão seria] um pequeno resumo [...] extraído de seus muitos e variados discursos" (CALVINO apud STOTT, 1981, p.10)

Os ensinamentos registrados no Sermão aparecem organizados e em sequência, apenas no primeiro evangelho, o de Mateus. Em Lucas, o terceiro evangelho há um sermão semelhante, às vezes chamado de "o Sermão da Planície". Lucas diz⁸ que foi pregado "numa planura" à qual Jesus "desceu" depois de retirar-se "para o monte" a fim de orar⁹. Já o trecho registrado em Mateus, é tradicionalmente chamado de Sermão do Monte devido à declaração inicial em Mt 5.1,2

E Jesus, vendo a multidão, *subiu a um monte*, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:

Apesar da diferença de localização narrada pelos evangelistas, o conteúdo de ambos os sermões é semelhante, embora apresente temáticas diferentes. O registro de Lucas é mais curto, possui apenas 30 versículos, já o de Mateus, 107. O número de versículos, obviamente causa diferenças, porém ambos os sermões começam e terminam com os mesmos ensinamentos, as "bem-aventuranças" e a parábola dos dois construtores, respectivamente.

Conforme já afirmamos antes, o Sermão do Monte é conhecido por suas declarações polêmicas e cheias de linguagem figuradas. As metáforas geralmente possuem uma formulação drástica, chegando ao exagero, são apresentadas de modo radical, criando "imagens surreais", como o exemplo da "trave no olho", ou de "pérolas aos porcos" no Sermão do Monte, ou ainda "coar um mosquito" e "engolir um camelo". Por isso geralmente são curtas e impressionam.

⁸ Lc 6:17- 49.

⁹ Lc 6:12,17

Essa característica das metáforas é um auxílio inestimável para a comunicação de conceitos. Os ouvintes/leitores certamente têm sua atenção apreendida e são inevitavelmente convidados a refletir sobre o que foi dito, procurando assim estabelecer o ponto de semelhança entre a imagem e o conceito, e mais que isso, todo esse processo proporciona a memorização desses conceitos, por exemplo, os escribas e fariseus dificilmente esqueceriam as palavras de Jesus: “serpentes, raça de víboras! Como vocês escaparão da condenação do inferno? (Mt 23.33).

As metáforas geralmente são chocantes e radicais, por isso chamam a atenção, são criativas porque jogam com a estranheza de comparações entre objetos totalmente diferentes. Essas características perpetuam conceitos, que apesar das variações na interpretação, vêm sendo transmitidos há séculos.

Com vistas nisso, analisaremos as metáforas por nós encontradas no Sermão do Monte, registradas principalmente no evangelho de Mateus nos capítulos 5-7. Conforme veremos no quadro a seguir, essas metáforas são encontradas também nos evangelhos sinóticos de Marcos capítulo 9 e de Lucas capítulos 6: 11-14, porém com referências menores e fragmentadas.

Consideramos a partir disso, que apesar de os três evangelhos se referirem ao mesmo texto, o evangelho de Mateus é o que apresenta sequência mais lógica e organizada. Por esse motivo, tomaremos por base o texto de Mateus para o exame de 18 metáforas¹⁰. Iniciamos assim nossa análise a partir do método pragmático que tem por primeiro estágio de análise a identificação da metáfora.

¹⁰ Seleção feita por nós com base na leitura do texto e identificação de termos que consideramos metafóricos por serem utilizados fora de seu sentido literal.

Referências			Metáforas	Termo comparado
Mt 5.13	Mc 9.50	Lc 14.34	Sal	Cristãos
Mt 5.14,16			Luz	Cristãos
Mt 5.14b			Cidade	Cristãos
Mt 5. 15	Mc 4.21	Lc 8.16, 11.33	Candeia	Cristãos
Mt 6.21		Lc 12.34	Tesouro	Virtudes
Mt 6.22		Lc 11.34	Candeia	Olhos
Mt 7.3-5		Lc 6.41,42	Cisco no olho	Pequenos defeitos
Mt 7.3-5;		Lc 6.41,42	Viga no olho	Grandes defeitos
Mt 7.6			Cães	Hereges
Mt 7.6			Porcos	Hereges
Mt 7.6			Pérolas	Evangelho
Mt 7.13,14		Lc 13.24	Porta estreita	Salvação
Mt 7.13,14			Porta larga	Perdição
Mt 7.13,14			Caminho	Ações
Mt 7.15			Lobos	Falsos profetas
Mt 7.15			Ovelhas	Verdade aparente
Mt 7.18-20		Lc 6.43,44	Frutos	Ações/ resultados
Mt 7.18-20		Lc 6.43,44	Árvores	Profetas

Quadro 1: Quadro comparativo das metáforas nos evangelhos sinóticos

Observaremos essas metáforas destacadas inseridas em seus contextos de enunciação. Para isso reproduziremos aqui o texto integral, em anexo, de Mateus na versão em português chamada Nova Versão Internacional (NVI), uma das mais recentes traduções feita em 1994. Analisaremos cada metáfora destacada no quadro a partir do método pragmático que considera a identificação da metáfora, descreve sua construção e reconhecimento, logo em seguida, suas condições de uso e por fim como os contextos restringem as interpretações das mesmas. Associado a isso, analisaremos a univocidade ou possibilidade de plurivocidade das mesmas.

4.1 O contexto do Sermão do Monte

Como já vimos, o Sermão do Monte foi assim chamado devido à posição de Jesus no momento em que proferiu essa homilia. Além dessa informação é importante nos atentarmos para as pessoas envolvidas no contexto do Sermão do Monte. Os dois primeiros versículos de Mateus 5 nos localiza quanto a esse aspecto:

1 Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele,

2 e ele começou a ensiná-los, dizendo:

Vemos como cenário de enunciação Jesus como mestre que se põe a ensinar *εδιδασκεν* os discípulos, grupo selecionado de seguidores que o acompanharam com a missão de propagar sua mensagem por onde forem. Temos, portanto, um contexto de ensino e aprendizagem o que ressalta o caráter didático desse gênero discursivo que é o sermão. O objetivo que se projeta a partir desses primeiros versículos é o de ensinar *εδιδασκεν* com o propósito de levá-los a reproduzir esses ensinamentos posteriormente.

O ensino é o propósito primeiro do gênero textual Evangelho, que é o macro-texto em que o Sermão do Monte está inserido.

Os evangelhos procuravam orientar a vida das comunidades cristãs diante de problemas internos – questões morais, conflitos de relacionamento, falta de fé etc. – e externos – confrontos com opositores judeus e, em alguns momentos, com o governo romano. Além disso, buscavam motivar os fiéis a proclamarem a salvação em Jesus Cristo aos de fora da comunidade cristã. (FERREIRA, 2007 p.14)

Além disso, o gênero sermão em si, também carrega essencialmente este propósito.

O propósito de ensino e de posteriores reproduções dos mesmos por parte dos ouvintes originais do Sermão justifica o uso abundante de metáforas. Conforme já destacamos anteriormente, as metáforas exercem, entre outras coisas, função didática e reflexiva. Certamente as imagens expostas pelas metáforas seriam mais facilmente memorizadas, e isso facilitaria também reproduções posteriores.

O v.1 do capítulo 5 cita “multidões” avistadas por Jesus. A presença de tantas pessoas se justifica pela narrativa anterior ao sermão registrada no capítulo 4.23-25 que diz

23 Jesus foi por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo.

24 Notícias sobre ele se espalharam por toda a Síria, e o povo lhe trouxe todos os que sofriam de vários males e tormentos: endemoninhados, loucos e paralíticos; e ele os curou.

25 Grandes multidões o seguiam, vindas da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e da região do outro lado do Jordão.

Segundo a narrativa de Mateus, Jesus havia alcançado certa popularidade devido aos seus ensinamentos em sinagogas judaicas e suas práticas milagrosas. Dessa forma, “grandes multidões” o seguiam por diversas cidades da região.

O contexto do sermão que será proferido é: Jesus que sobe a um monte para ensinar aos discípulos, estes, seguidores mais próximos que se tornarão, posteriormente seus sucessores; além de grandes multidões que o circundam com o

objetivo de ouvi-lo e, pela descrição dada por Mateus, para receber algum tipo de intervenção milagrosa.

Podemos entender, por isso, que o sermão que está prestes a ser enunciado e do qual destacaremos 18 metáforas, tem a intenção de ensinar aos discípulos uma espécie de ética daquele Cristianismo ainda insipiente e que deveria ser reproduzido mais tarde. Inevitavelmente nos deparamos com propósitos didáticos de um conteúdo que se reproduziria inumeráveis vezes. Como já observamos anteriormente, a metáfora será crucial para o cumprimento desse objetivo.

A análise que faremos, será feita a partir de uma divisão proposta por nós em seis grupos de metáforas associadas pela semelhança de mensagem e propósito identificados conforme observamos no quadro a seguir:

Grupos de semelhança	Metáforas
Metáforas de exposição	sal, luz, cidade e candeia
Metáforas de intenção:	tesouros e candeia
Metáforas de hipocrisia:	cisco e a viga no olho
Metáforas de hostilidade:	cães, pérolas e porcos
Metáforas de salvação:	porta estreita e porta larga
Metáforas de dissimulação:	lobos e ovelhas; frutos e árvores

Quadro 2: Grupos de semelhança entre as metáforas do Sermão do Monte

4.2 As metáforas de exposição : sal, luz, cidade e candeia.

Entre os versículos 13 e 16, inicia-se uma série de metáforas: sal, luz, cidade e candeia que, embora pertencentes a contextos distintos, como o doméstico e o político, referem-se ao mesmo conteúdo: todas estão relacionadas à exposição dos

seguidores de Jesus no mundo. A mensagem comum é a de que o seguidor de Jesus deve expor atitudes exemplares a um mundo sem referências de bondade ou espiritualidade.

Tomamos a liberdade de chamá-las de metáforas de exposição. Essas figuras de linguagem pretendem orientar qual deve ser o comportamento dos seguidores de Cristo a partir das imagens do sal, da luz, da cidade e da candeia em relação à sociedade que os cerca.

13 Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens.

14 Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte.

15 E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa.

16 Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus. (grifos nossos)

É característico da metáfora fazer aproximações incomuns ou mesmo estranhas. Conforme já mencionamos anteriormente, essa estranheza é parte importante da compreensão da metáfora, pois por serem chocantes, seduzem e intrigam mais fortemente os ouvintes/leitores.

Embora contestada pela teoria cognitiva, que valoriza a metáfora enquanto fenômeno do pensamento mais do que da linguagem, a abordagem retórica da metáfora traz uma contribuição pertinente ao caráter estético dessa linguagem. Os retóricos justificavam o uso da metáfora dizendo que “A metáfora não descobre ou expressa algo novo, mas apenas afirma de maneira mais decorosa o que poderia ser dito literalmente.” (VANHOOZER, 2005, p. 156). Inevitavelmente essas figuras de linguagem desempenham caráter estético, embora não cumpram apenas essa função, a cumpre de modo inclusivo, e à primeira vista, é o que atrai o ouvinte/leitor.

É o absurdo de comparações incongruentes que a princípio as destaca da linguagem literal.

No discurso de Jesus aos discípulos vemos o “estender” do sentido de palavras comuns como sal, luz, cidade e candeia. As ideias a serem transmitidas são mais numerosas e complexas do que a linguagem pode admitir, daí a necessidade de usar o discurso metafórico.

4.2.1 Sal - *αλας* (halas)

A primeira afirmação “Vocês são o sal da terra” (v. 13) usa a palavra “sal” fora do seu sentido literal para uma finalidade comparativa. Nesse caso, os discípulos de Jesus estão sendo postos em “comparação” com o “sal”, são, portanto, palavras de contextos diferentes sendo associadas.

Para análise deste trecho devemos observar as possíveis associações entre o termo comparante (sal) e o termo comparado (discípulos). Lembrando os conceitos de inesgotabilidade, é importante saber que podem ser muitos, porém o contexto nos aponta ou indica caminhos de certa estabilidade.

É preciso observar ainda que o sentido implícito à palavra sal, como é reconhecido atualmente, nem sempre teve o mesmo impacto, a mesma importância. Dessa forma, a recepção dessa metáfora para os ouvintes originais certamente foi diferente do que o é hoje para os leitores atuais.

Na antiguidade, o sal exercia muitas funções entre elas a de conservante, sem o sal, não seria possível estocar uma série de alimentos. Altas concentrações salinas inibem a proliferação de micro-organismos na comida, conservando-a em boas condições de consumo por um tempo bem maior. Por esse motivo, o sal passou a ser indispensável em qualquer sociedade que pretendesse ter uma reserva de mantimentos. E, por isso, ele passou a ter valor de moeda.

Sua importância dá origem à palavra “salário”, os soldados romanos chegavam a ser pagos em sal, de onde vêm as palavras “salário”, “soldo” (pagamento em sal) e “soldado” (aquele que recebeu o pagamento em sal).

Plutarco dizia “A carne é um corpo morto e, se for deixada entregue a si mesma muito em breve perde a frescura; mas o sal a preserva e impede sua corrupção”.(BARCLAY, 1958, p. 130)

O sal também era usado como condimento, como fertilizante e até mesmo como remédio. (RICHARDS, 2008, p. 25)

Quando ouviram a comparação de si mesmos com o sal, os discípulos provavelmente tinham como referência tais funções.

Nos tempos de Jesus, o sal (obtido às margens do mar Morto ou de pequenos lagos na beira do deserto da Síria) facilmente adquiria um gosto insosso e mofado por causa da mistura maior de gesso ou restos de plantas. Por isso não podia ficar muito tempo armazenado. (RIENECKER, 1998, p. 48)

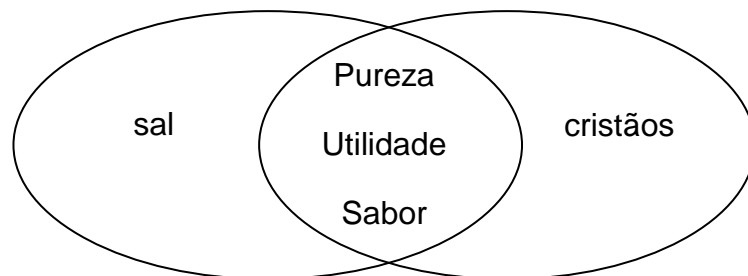
Dessa forma, temos como possíveis termos de comparação entre o sal e o cristão: o condimento, o conservante/moeda e o fertilizante. Todas essas aplicações remetem a ideia de preciosidade, de artigo necessário e útil. Se observarmos a sequência da afirmação metafórica em que se alude ao sabor dizendo “se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens” (v. 13) perceberemos outra associação semântica, uma mistura entre o condimento, por isso “perder o seu sabor” e um tipo de sal que era pisado pelos homens, um indício de desvalorização. Aqui vemos uma diferença considerável entre o sal saboroso, valioso, e o sal inútil, destituído de seu valor.

O sal que serve para ser pisado pelos homens, pode ter sua origem no talmude, livro sagrado de discussões rabínicas, que mostra que o sal impuro e inútil para ser usado nos ritos dos sacrifícios (que eram oferecidos com sal), era lançado nos degraus e declives ao redor do templo para impedir que o terreno se tornasse escorregadio, e assim era pisado pelos homens. Também houve menções do uso do sal na pavimentação de estradas.

Assim, nessa metáfora, o cristão sem autenticidade dificilmente tem o uso digno, ou seja, acaba perdendo seu valor original. O cristão deveria manter sua pureza assim como o sal que é útil à humanidade. (CHAMPLIN, 1995, p.307).

Todas essas informações estão contidas em uma afirmação curta e simples, “vocês são o sal”, mas que obriga o leitor a refletir para fazer as associações possíveis.

Assim como os ouvintes originais faziam associações entre o termo comparado e o termo comparante, o leitor atual também o faz, porém baseando-se em sua experiência. No mundo atual, o uso do sal não tem muita relevância como conservação, visto que usamos o congelamento. Porém, sua utilidade como condimento é imprescindível. É possível inferir dessa metáfora a ideia de que um pouco de sal faz grande diferença em um alimento. Sendo assim, seria uma característica cristã o fazer diferença no mundo. Apesar de não se associar imediatamente com todo o contexto histórico-religioso do sal para a antiguidade, um leitor atual pode, sem problemas, chegar a uma associação plausível da semelhança entre o sal e o cristão. Assim, poderíamos ter os seguintes termos de comparação entre o sal e os cristãos: podemos associar como termo comum entre as duas palavras a pureza, a utilidade ou o sabor, conforme destacado no esquema a seguir:



Esquema 1: Termos de comparação entre o sal e os cristãos

A metáfora “vocês são o sal da terra” pode levantar uma série de relações a depender do contexto em que é lido. Na antiguidade, como conservante, moeda e símbolo religioso. Nos dias atuais, como condimento principalmente, como ingrediente tradicional comum, mas imprescindível na cozinha de qualquer pessoa. Aqui se observa a plurivocidade da metáfora, a mesma afirmação possibilitando várias interpretações não só pelo distanciamento histórico-cultural, mas também dentro do mesmo espaço histórico. A plurissignificação da metáfora não se dá apenas entre o que se pensava sobre o sal na antiguidade e o que se pensa agora.

Já na antiguidade, essa metáfora poderia assumir significados diversos. Vale destacar que os sentidos etnológicos também se preservam, logo, os sentidos do sal, tal qual se observava na antiguidade pode pertencer ao universo de referências de diferentes grupos sociais, leitores da bíblia.

Apesar da plurissignificação desta imagem, o contexto imediato aponta que ter muitos significados não implica ter significado nenhum. Mesmo tendo mais que um sentido, essa metáfora não permite qualquer sentido. O próprio contexto ressalta que este sal do qual se fala pode “perder seu sabor”- alusão ao condimento; e “ser pisado pelos homens”- alusão aos ritos sacrificiais ou pavimentação de estradas.

4.2.2 Luz, cidade e candeia - *φως, πόλις e λύχνον* (phos, polis e lychnon)

Jesus continua sua série de metáforas afirmando aos discípulos “Vocês são a luz do mundo” e os compara a uma “cidade” construída sobre um monte e a uma “candeia”, espécie de abajur que deve ser colocado ao alto para iluminar a todos (v. 14-16)

As três metáforas têm sua base também na antiguidade. Novamente o contexto histórico se mostra essencial para a compreensão de seus significados.

Devemos considerar que a metáfora é uma espécie de elo, uma vez entendida conceitualmente (Lakoff), entre qualquer leitor, localizado em qualquer tempo. Como destaca Auerbach, o texto bíblico requer de seu leitor que se aproxime do contexto histórico- universal. Uma vez que nos distanciamos temporalmente do texto bíblico certos relatos tornam-se incompreensíveis. Com a presença das metáforas isso pode ou não acontecer. Pode porque as imagens sugeridas por certas metáforas são universais e não pode porque o contexto histórico cultural de muitas delas é determinante para sua compreensão. De qualquer forma, se impõe um entendimento reflexivo das palavras, um ato de pensamento e interpretação.

As três imagens: luz, cidade e candeia expressam novamente a ideia de exposição. Todas colocadas no alto, para serem vistas e facilmente percebidas.

Sugere-se com isso que o objetivo dos discípulos deveria ser o da exposição ao mundo, segundo essas afirmações, a “luz” não deveria ficar escondida. (RICHARDS, 2008, p. 25)

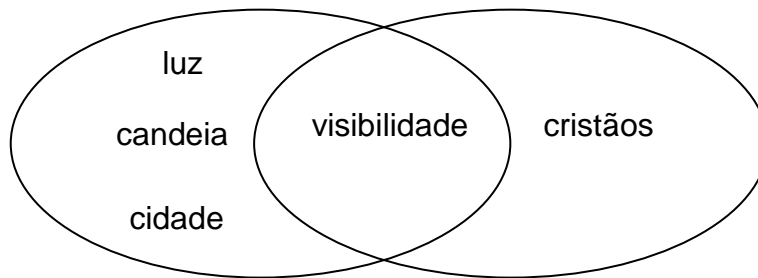
Para entender as metáforas, podemos recorrer aos costumes antigos. As cidades antigas eram construídas com calcário branco, e desta forma reluziam com a luz do sol. Já as lâmpadas (candeias) eram mantidas acesas com azeite durante toda a noite, dispostas em lugares altos.

A candeia era posta no velador. Provavelmente, na maior parte das casas, era colocada sobre uma pedra que se projetava da parede, bastante alta para evitar que as crianças a derrubassem, ou talvez para impedir que alguma serpente a derrubasse no meio da noite, incendiando toda a casa. A missão primitiva da luz era ser vista por todos. (CHAMPLIN, 1995 p.307)

A leitura destas imagens supõe o questionamento de que semelhanças pode haver entre tais figuras e os seres humanos aos quais foram associadas ao se declarar: “você são a luz do mundo”. Sabe-se que a palavra luz possui um sentido universal, e em qualquer tempo, expressou conotação positiva. Na tradição cristã, “a luz é um símbolo bíblico comum da verdade, a luz do cristão deve certamente incluir o seu testemunho verbal.” (STOTT, 1991, p. 29)

No caso específico desta metáfora, o sentido está relacionado ao contexto de produção, visto que, na maioria dos lugares atualmente, não se usam mais candeias ou cidades construídas sobre o calcário. O conhecimento dos costumes originais auxiliam na compreensão das metáforas “candeia” e “cidade”, no entanto, a expressão “luz do mundo”, é compreensível por si própria. O contexto da afirmação “luz do mundo”, cita candeias e cidades altas e visíveis. Na sequência, faz-se a conclusão “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.” (v. 16). O vocábulo “assim”, explicita a comparação entre os objetos e o termo comparante, os discípulos deveriam ser expostos “assim” como uma luz que se mostra entre os homens.

Nesta metáfora, podemos destacar o seguinte termo de comparação entre as metáforas luz, candeia e cidade e os cristãos a quem são comparados: a visibilidade.



Esquema 2: Termos de comparação entre as metáforas luz, candeia e cidade e os cristãos

Assim, a afirmação de Jesus “vocês são a luz do mundo”, sugere a impossibilidade de passar despercebido “Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha (v. 14,15). O cristão deveria ser mais que percebido, deveria mostrar-se à sociedade (ao mundo), não de forma vaidosa, ou por autopromoção, mas por isso ser inevitável, visto que faria parte de sua natureza e função social. As palavras de conclusão dessa série de metáforas “para que vejam as suas boas obras” (v.16) esclarecem que a exposição do cristão é a prática de boas obras, provavelmente engajamento social e caridade, a exemplo do que, segundo Mateus, fazia Jesus momentos antes do sermão, ensinando e cuidando dos doentes (Mt 4:23).

A plurivocidade das metáforas luz, candeia e cidade não se apresenta tão claramente quanto na metáfora sal. Nas primeiras, tem-se um sentido mais ou menos unívoco: os cristãos não podem se esconder, suas boas obras devem aparecer aos homens.

4.3 Metáforas de intenção: tesouros e candeia

No capítulo 6 de Mateus, dos versos 19 a 25, encontramos outra sequência de metáforas: tesouro e candeia. Elas podem ser agrupadas pela semelhança de sentido. Ambas se referem à intenção interior dos seguidores de Jesus. Estas imagens buscam exteriorizar intenções relacionadas à ambição material e à maldade inerente de caráter.

A primeira observação a se fazer, antes da leitura dos versículos citados é a de que a metáfora “tesouro”, aparece duas vezes em oposição: “tesouros na terra” (v. 19) e “tesouros no céu” (v. 20). A primeira expressão não parece ser considerada metáfora, já que significa aquilo que diz literalmente, sem imagem metafórica, “tesouros na terra” seriam os bens materiais. “Tesouro”, enquanto metáfora, só é possível na afirmação do versículo 20, quando Jesus se refere a “tesouros no céu”.

A segunda metáfora “os olhos são a candeia do corpo” (v.22), associa a imagem da lâmpada aos olhos, apresentando conotações positivas ou negativas aos olhos que podem ser bons, trazendo “luz” ou “maus”, trazendo trevas aos discípulos.

19 Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam.

20 Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam.

21 Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.

22 Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz.

23 Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são! (grifos nossos)

4.3.1 Tesouros - *θησαυρος* (thēsaurous)

A imagem do tesouro é apresentada em uma oposição “tesouros na terra” e “tesouros no céu”. O argumento apresentado por Jesus por meio dessa metáfora é levantar o contraste entre a efemeridade dos tesouros da terra e a eternidade dos tesouros do céu. “Jesus explicou que os tesouros sobre a terra são efêmeros, podendo ser perdidos por causa das traças, ferrugem e ladrões. O cidadão do Reino deveria antes ajuntar tesouros no céu, concentrando-se na justiça.” (PFEIFFER e HARRISON, 1983, p.30)

A existência de uma metáfora se dá pelo compartilhamento da imagem entre autor e ouvinte/leitor. Os judeus ouvintes do sermão, possivelmente identificavam a imagem “tesouros no céu” com duas coisas: “Diziam que as ações bondosas que alguém fazia no mundo, transformavam-se em seu tesouro no céu” ou a relacionavam “com o caráter.” (BARCLAY, 1958, p. 260,261).

Associavam os tesouros do céu com ações bondosas baseados na tradicional lenda de um rei chamado Monobaz, de Adiabene, que se converteu ao judaísmo:

“Um ano de fome Monobaz distribuiu seu tesouro entre os pobres. Suas irmãs enviaram mensageiros para lhe dizer: “Seus pais reuniram tesouros, e os acrescentaram aos de seus pais, mas você dissipou os seus e os deles.” Monobaz respondeu: “Meus pais reuniram tesouros para esta vida, eu estou acumulando tesouros para a vida eterna; eles armazenaram sua riqueza em lugares onde a vontade humana pode governar, mas eu os tenho, agora, em um lugar onde ninguém pode já dispor deles. Meus pais acumularam tesouros que não dão interesse, os meus sim dão. Meus pais acumularam tesouros de dinheiro, eu acumulei tesouros de almas. Meus pais acumularam tesouros para outros, eu os acumulei para mim. Meus pais acumularam tesouros neste mundo, eu os tenho guardados no mundo vindouro”. (BARCLAY, 1958, p. 260)

Vemos nesta lenda o mesmo princípio apresentado por Jesus no sermão, um contraste entre o apego aos bens materiais e o desapego destes em função de atos de justiça.

A expressão tesouros no céu, à semelhança da lenda rabínica, foi registrada por Mateus no capítulo 19, versículo 21 “Jesus respondeu: Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus.” Jesus, em conversa com um jovem rico que queria segui-lo, aconselhou-o a desfazer-se de seus bens, dá-los aos pobres, para ter um “tesouro nos céus”. Aqui se reafirma o contraste entre os bens terrenos e os bens celestes, o segundo é alcançado pelo desapego ao primeiro.

É possível deduzir que seus ouvintes conheciam tal imagem e compartilhavam do sentido desta expressão. Isso torna a metáfora possível e compreensível.

A caridade aos pobres e o desapego aos bens materiais tornou-se, posteriormente, uma característica dos primeiros cristãos:

A Igreja Primitiva sempre cuidou carinhosamente dos pobres, dos doentes, dos desgraçados e de todos aqueles de quem ninguém se ocupava. Nos dias da terrível perseguição de Décio, em Roma, as autoridades arrasaram uma igreja cristã. Sua intenção era apoderar-se dos tesouros que imaginavam estariam armazenados nesse lugar. O prefeito romano ordenou a Laurêncio, o diácono: "Mostre-me imediatamente o lugar onde vocês guardam seu tesouro." Laurêncio assinalou as viúvas e os órfãos que estavam comendo, os doentes que estavam sendo curados, os pobres, cujas necessidades estavam sendo satisfeitas, e disse: "Estes são os tesouros da Igreja." A Igreja sempre acreditou que "perdemos o que guardamos, e ganhamos o que gastamos". (BARCLAY, 1958, p 260)

Já a associação entre tesouro e caráter se dá pelo pensamento rabínico de que ao sair desse mundo, não é possível levar ouro, prata ou pedras preciosas, mas sim o conhecimento e as boas obras praticadas.

Em ambas as interpretações, os tesouros nos céus são uma espécie de oposição aos bens terrenos, como se o acúmulo de um excluísse a presença do outro. Assim os tesouros no céu poderiam ser interpretados como boas obras ou caráter piedoso, o que não teria relação alguma com os bens materiais, visto que os discípulos são encorajados a deixar um e buscar o outro.

A metáfora do tesouro no céu embora originalmente sugira a univocidade significando caridade, desinteresse e boas obras, historicamente foi interpretado com outros significados.

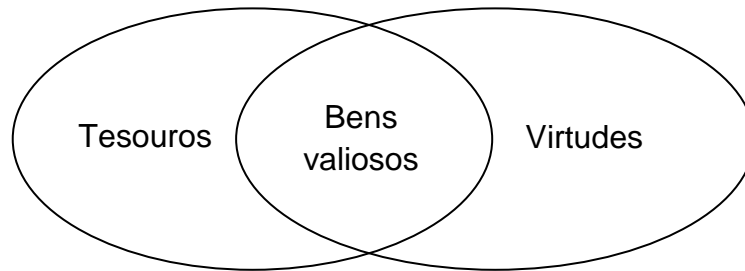
Um exemplo de outra interpretação foram as indulgências na Idade Média, valores pagos em troca de perdão. Para alguns oficiais cristãos como o dominicano João Tetzl, o pagamento de indulgências significava acumular tesouros nos céus. É dele a conhecida máxima: “Logo que a moeda na caixa ecoa, uma alma do purgatório para o céu voa” (MATOS, 2009, p.32). Aqui a imagem do tesouro no céu associou-se aos bens entregues, não aos pobres de forma desinteressada, mas à Igreja com a finalidade de obter benefícios salvíficos.

Vemos nessa metáfora uma exemplificação da relação entre irreduzibilidade e indeterminação. A ideia de tesouro no céu não pode ser reduzida a um significado não aceitando outras possibilidades, no entanto, não podemos dizer que é indeterminada, ou que não há significado possível. “Os textos podem ser determinados o suficiente para transmitir o significado sem ser suficientemente especificáveis para superar todas as ambiguidades” (VANHOZZER, 2005 p 171).

Jesus conclui essa metáfora com a declaração de que o tesouro de alguém está onde estiver seu coração (v.21). É importante ressaltar que a palavra coração (*kardia*) refere-se ao afetivo centro do nosso ser, à capacidade de preferência moral (volitiva, escolha) e não à bomba física literal que impulsiona o sangue, assim, "coração" é usado aqui apenas figurativamente.

A conclusão da metáfora de tesouros no céu é a afirmação de que os sentimentos e vontades humanas voltam-se para aquilo que julgamos precioso, tratando como “tesouro”. Há duas possibilidades para isso, empenhar os sentimentos e esforços aos bens materiais efêmeros ou dedicar-se aos bens celestes, caráter piedoso.

Ou seja, é possível entendermos como termo de comparação entre tesouros e as virtudes cristãs o fato de ambos serem bens valiosos. O tesouro ou as riquezas como um bem valioso na terra e as virtudes de uma caráter piedoso, bens valiosos no céu.



Esquema 3: Termos de comparação entre a metáfora tesouros e as virtudes cristãs

4.3.2 Candeia - λύχνος (lychnos)

No versículo 22, Jesus afirma que “os olhos são a candeia do corpo”. Esta metáfora, diferente da do tesouro no céu, apresentada anteriormente, não possibilita uma interpretação apenas unívoca. A metáfora se dá pela afirmação de que os olhos são a candeia (lâmpada, luz) da alma. Nela observamos uma pluralidade de possíveis significados.

Os muitos significados que podem surgir a partir desta imagem se dão pela afirmação mais complexa que segue a primeira frase. “Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz. Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas.” (Mt 6.22,23). Este trecho associa a metáfora da lâmpada a ideias como “olhos bons” que levam ao “corpo cheio de luz” e “olhos maus” que resultam em “corpo cheio de trevas” (v. 22, 23), tornando o sentido obscuro, possibilitando assim uma interpretação plurívoca.

Champlin (1995, p.326) levanta quatro possibilidades de interpretação para essa metáfora:

1. O olho como símbolo da *luz* ou da inteligência interior de que precisamos para cumprir bem os nossos deveres (assim interpretou Crisóstomo).

2. Ou que precisamos preservar a habilidade de receber luz moral e espiritual, assim como o olho recebe e usa a luz natural para guiar o corpo, a vida física. Provavelmente isso faz parte do sentido total.
3. Talvez não esteja em vista somente a ideia comum entre os judeus, que achavam que o olho mau era símbolo da *avareza*.
4. O sentido principal fala da *simplicidade*, em contraste com a duplicidade [...] Jesus acabara de dizer a verdade sobre os tesouros na terra e nos céus . Algum desejam possuir ambas as coisas, e assim [...] Tais indivíduos praticam a duplicidade, e não possuem olhos simples.

As quatro possibilidades levantadas por Champlin: inteligência interior, moral, generosidade (contrário de avareza) e simplicidade estão relacionadas a uma espécie de acuidade moral/espiritual, os olhos aqui mencionados levam a uma visão além-matéria .

A ideia de acuidade espiritual também foi apresentada por Paulo, autor de 13 dos 27 livros do Novo Testamento canônico. Em Ef. 1.17,18 ele utiliza a expressão “iluminados os olhos do vosso coração”

Peço que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o glorioso Pai, lhes dê espírito de sabedoria e de revelação, no pleno conhecimento dele. Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos.

Nessa ocorrência, os olhos iluminados estão diretamente ligados ao coração do cristão, como se o coração, (*kardia*- sentimentos e vontades) precisasse ser iluminado assim como os olhos literais precisam de luz para ver.

Podemos entender a partir disso, a iluminação da alma, uma revelação ou conhecimento especial.

Tasker (1980, p. 60), vê duas possibilidades de significado para a metáfora dos olhos como lâmpada do corpo, o comentarista ressalta que

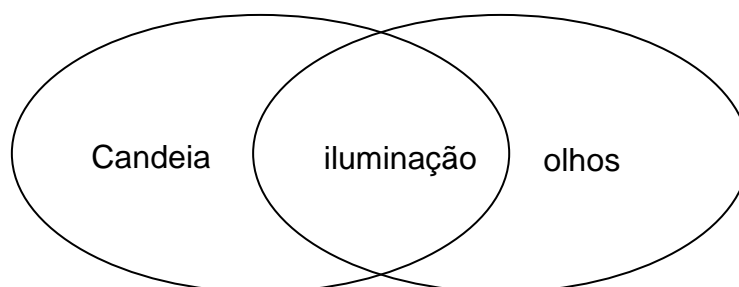
Os olhos eram considerados pelos antigos como as janelas pelas quais a luz entra no corpo. Se os olhos estivessem, pois, em boas condições, todo o corpo estaria iluminado e receptivo aos benefícios que a luz pode comunicar; mas se os olhos fossem maus, todo o corpo estaria imerso na escuridão que gera enfermidade. Jesus, empregando metaforicamente esta linguagem, afirma que se o sentido espiritual do homem estiver são, e os seus apegos afetivos

estiverem dirigidos para o tesouro espiritual, toda a sua personalidade estará sem mancha; mas se o sentido espiritual enfermar, a um falso senso de valores, ou à cobiça, ou a um espírito rancoroso e destituído de generosidade, rapidamente se tornara improbo.

Tasker cita ainda duas traduções tradicionais que sugerem sentidos diferentes para a expressão metafórica “Olhos bons” (v. 22): A versão King James traduziu o termo haplous (bons) por “um só”, sugerindo “a expressão “um só olho”, indicando devoção a um propósito” (TASKER, 1980, p.60). Já a Versão Padrão Americana, de 1946 traduz haplous por “perfeito” e ponêros (King James - mal) por “imperfeito” no v. 23. Segundo esta tradução, “um olho mau” era uma figura judaica de “um espírito rancoroso e invejoso”, de sorte que a expressão oposta, um só olho, poderia também ser tomada no sentido de “um espírito generoso”. (TASKER, p.60).

Nesta sequência de metáforas temos um exemplo do que afirmamos anteriormente a respeito da univocidade e plurivocidade das metáforas. Enquanto que a metáfora do tesouro alude a imagens relativamente homogêneas, uma vez que todas se associam a caráter e boas obras, tradicionalmente; a metáfora da lâmpada (candeia), sugere diversos sentidos.

É possível entendermos como termo de comparação entre candeia e os olhos a iluminação. Aqui, como já citamos anteriormente, muitas possibilidades podem ser consideradas como iluminação: inteligência interior, moral, generosidade (contrário de avareza) e simplicidade.



Esquema 4: Termos de comparação entre a metáfora candeia e os olhos.

4.4 Metáforas de hipocrisia: o Cisco e a viga no olho

No capítulo 7, versículos 3-5, identificamos as metáforas “cisco” e “viga” que iniciam uma sequência de imagens que ilustram o ato de julgar o próximo. Neste caso observamos possibilidade para uma interpretação mais relacionada à univocidade, uma vez que nos versículos 1 e 2, é-nos dado um contexto que introduz o assunto. Desta forma, a metáfora fica amparada por um contexto imediato do andamento do texto do sermão que nos permite localizar o ponto de semelhança entre a imagem e o termo comparado.

1 Não julguem, para que vocês não sejam julgados.

2 Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês.

3 Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?

4 Como você pode dizer ao seu irmão: “Deixe-me tirar o cisco do seu olho”, quando há uma viga no seu?

5 Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão. (grifos nossos)

4.4.1 Cisco e viga - *Κάρφος* e *δοκον* (karphos e Dokon)

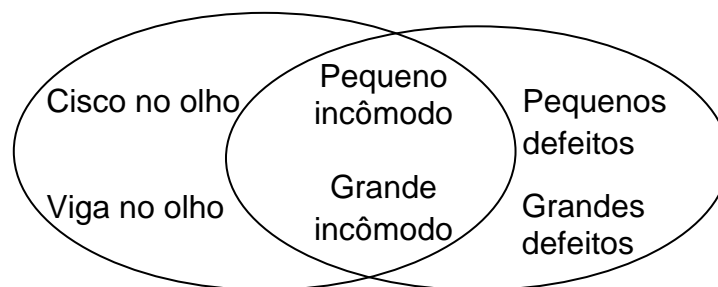
Neste trecho temos as metáforas: cisco no olho e viga no olho expressas numa espécie de parábola, uma pequena narrativa. A tradução para a palavra karphos pode sugerir cisco, poeira, ou uma lasca de palha, algo pequeno, porém incômodo. Já a tradução do grego *dokon*, indica

as traves sobre as quais uma casa era edificada. O uso do exagero entre os orientais se evidencia aqui. O argueiro é usado para indicar um pecado ou falha pequena da parte de um irmão. A trave simboliza

um pecado ou falha grave da parte do censorador. Aquele que pecou mais gravemente não tinha o direito de censurar a outrem, ainda que tal julgamento fosse legítimo [...] quem julga é pior do que quem está sendo julgado. (CHAMPLIN, 1995, p.331)

Esta metáfora, em especial, possui o exagero necessário para causar a estranheza que torna a mensagem marcante. Isso acontece pelo absurdo de se imaginar uma viga em um olho humano. Ricouer (2005, p. 131) salienta que “as metáforas confundem as fronteiras lógicas estabelecidas e, dessa forma, permite a detecção de novas similaridades”. No caso das metáforas “cisco” e “viga no olho”, o excesso causado pela incoerência de uma trave em um olho contraria a lógica, e por isso, chama a atenção e conduz o ouvinte a buscar uma possibilidade de associação entre a imagem e o termo comparado. Assim, a hipocrisia de alguém julgando seu próximo é estranha tanto quanto o seria um olho com uma trave.

É possível entendermos como termo de comparação entre o cisco e a viga no olho e os pecados o incômodo que ambos causam. O cisco no olho assim como a imagem surreal de uma viga em um olho causam incômodo tanto quanto a prática de pecados. A diferença está na proporção que ambos têm e principalmente no fato do julgamento que indica hipocrisia.



Esquema 5: Termos de comparação entre as metáforas cisco e trave no olho e os pecados.

4.5 Metáforas de hostilidade: Cães, pérolas e porcos

No capítulo 7, versículos 6, identificamos as metáforas “cães”, “pérolas” e “porcos” com a conotação aparente de se evitar o desperdício. Apesar de o desperdício ser o significado mais provável e aparente, outros intérpretes bíblicos identificaram sentidos diferentes. Estas metáforas podem ser identificadas como metáforas plurívocas, pois, como veremos, não há sentido exclusivo que se possa atribuir a essas imagens.

6 Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão. (grifos nossos)

4.5.1 Cães, pérolas e porcos - *κυσίν, μαργαρίτας e χοίρων* (kysin, margaritas e choirōn)

Essas metáforas sugerem interpretações diversas e sua identificação parece referir-se a contextos diversos, possibilitando vários sentidos.

Sherman Johnson, em comentário sobre esta passagem sugere uma interpretação que relaciona estas metáforas com a autopromoção. O teólogo diz “Tal como os atos religiosos não devem ser praticados para efeito de propaganda, assim também o ensinamento religioso só é apropriado na presença daqueles que estão preparados para apreciá-lo” (CHAMPLIN, 1995, p. 330)

Champlin, p. 331 faz sua interpretação baseando-se no contexto histórico religioso.

Provavelmente alude à carne oferecida em sacrifício, e assim lemos o quadro de um sacerdote que jogava pedaços de carne, tirados do altar, aos cães que infestavam as cidades do oriente. As pérolas pequenas denominadas pérolas sementes, tinham a aparência de

ervilha ou milho, que era comida de porcos. Portanto, temos aqui o quadro de um homem rico que jogava mãos cheias dessas pequenas pérolas aos porcos.

Dessa forma, a orientação de não dar o que é sagrado aos cães, assim como no costume sacerdotal ou não jogar pérolas aos porcos, como nos costumes dos ricos, à primeira vista pode parecer uma negação a dar conhecimento aos menos favorecidos. Champlin ressalta que “a advertência não visa às missões religiosas, porque isso seria uma contradição a muitas outras passagens bíblicas.” (1995, p. 331). O autor diz que provavelmente essas metáforas se refeririam a um aviso para que não se degrade da fé, dirigindo o ensino aos que a degradam desdenhosamente.

Ao analisar cada termo específico, veremos que a plurivocidade predomina nesta passagem. As metáforas “coisas santas” e “pérolas” tradicionalmente têm recebido várias interpretações como: 1. A fé cristã. 2. As verdades do Reino e de Deus. 3. A comunhão e os privilégios da comunidade cristã.

Já as metáforas “porcos” e “cães” podem ser relacionados aos animais impuros dentro da tradição judaica do Antigo Testamento, os cães eram associados à desonra (1 Reis 21:14; 22:38; II Sam. 3:8 ; 9:8 ; Ap. 22: 15). Em todos esses exemplos bíblicos temos homens sendo humilhados ao serem comparados com cães. Essa metáfora, portanto, simbolizaria certos tipos de homens e poderia significar:

1. Os hereges (cães); os inimigos (especialmente no sentido religioso), os indivíduos hostis (os porcos);. 2. De acordo com Agostinho, os perseguidores hostis (cães); os indivíduos imundos, sem sentimento algum de santidade (porcos). Os escritos judaicos falam de alguns homens como se fossem animais imundos e desavergonhados. Provavelmente Jesus pensou em tais referências ao proferir essas palavras. (CHAMPLIN, 1995, p. 331)

Barclay (1958, p. 290) propõe um exame estrutural desta afirmação, analisando-a como um paralelismo clássico judaico.

Não deis aos cães o que é santo,
nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas

Com exceção de uma palavra, o paralelismo seria perfeito: “dar” possui como paralelo equivalente a “jogar”; “cães” teria seu paralelo em “porcos”, mas “santo” não poderia equiparar-se como paralelo de “pérolas”. Dessa forma se romperia o paralelismo. Entretanto, observa o comentarista, havia duas palavras hebraicas muito similares, especialmente se considerarmos que o hebraico antigo não tinha vogais escritas, mas apenas consoantes.

A palavra que significa *santo* é *kadosh* (K D SH) e a palavra aramaica que significa *aro* é *kadasha* (K D SH). As consoantes são exatamente iguais e na antiga escritura hebraica ambas as palavras se escreviam igual. Mais ainda, no Talmud aparece a frase proverbial "um aro no focinho de um porco", que significava algo completamente incongruente, fora de lugar. (BARCLAY, 1958, p. 291)

Considerando essa possibilidade, gerada pela particularidade da língua hebraica antiga, é provável que a frase original dissesse:

Não deis um aro aos cães,
nem lanceis as vossas pérolas aos porcos.

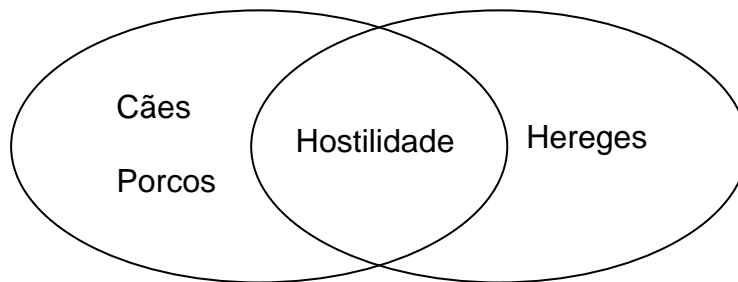
Ao pensarmos nesta possibilidade, o sentido desta metáfora seria que há certas pessoas que não são capazes de receber a mensagem que a Igreja está desejava de oferecer, por serem hostis como cães e porcos. Então, o que aparentemente seria uma declaração de exclusivismo, segundo Barclay, seria na verdade uma descrição da dificuldade prática com que se enfrentariam os cristãos ao pregar o evangelho, em qualquer época da história.

Barclay sustenta este argumento tomando como base o dito rabínico de que “Assim como os tesouros não devem ser mostrados a qualquer um, as palavras da Lei não devem ser aprofundadas a não ser na presença de quem está capacitado a nos acompanhar.” (1958, p. 291). Jesus como mestre de seus discípulos, provavelmente pretendia lhes transmitir esse ensino.

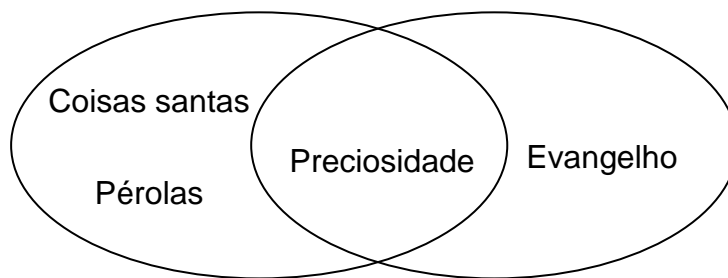
De qualquer forma, o objeto de nosso interesse ao analisar estas metáforas é destacar sua plurivocidade intrínseca. Massaud Moisés cita Weelwright para uma

definição que descreve esse fenômeno: “Um símbolo expressivo tende, em qualquer circunstância da sua realização, a conter mais de uma referência legítima, de tal forma que o seu sentido exato se torna a tensão entre duas ou mais direções de carga semântica”. (WEELWRIGHT apud MOISÉS, 2004, p. 20).

Diante disso, identificamos nesta expressão metafórica, dois níveis de comparação representados nos dois esquemas a seguir. O primeiro nível refere-se à relação entre “cães” e “porcos” e os hereges. Aqui, sugerimos como termo de comparação a hostilidade. O segundo nível refere-se à relação entre “coisas santas” e “pérolas” e o Evangelho. Nesse caso identificamos como termo comparativo a preciosidade dos elementos.



Esquema 6: Termos de comparação entre as metáforas cães e porcos e hereges.



Esquema 7: Termos de comparação entre as metáforas, pérolas e coisas santas e evangelho.

4.6 Metáforas de salvação: porta estreita e porta larga

Nos versículos 13 e 14 do capítulo 7 de Mateus, outra imagem é sugerida aos ouvintes: porta estreita com um caminho apertado que leva à vida e porta larga com um amplo caminho que leva à perdição. A partir desta declaração, inicia-se uma espécie de conclusão de todo o sermão. Aqui, Jesus aponta imagens que expressam a dificuldade de seguir os ensinamentos anteriormente citados e as recompensas para quem o fizer.

13 Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela.

14 Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram. (grifos nossos)

A figura dos dois caminhos é comum na literatura primitiva tanto judaica como cristã. Toda metáfora, conforme vimos, é sustentada por um contexto que justifica seu uso. Porta é a palavra grega que indica entrada de um edifício ou porta do muro de uma cidade, uma espécie de portal. Entrar pela porta estreita implica a decisão de seguir certa maneira de viver, esse caminho estreito seria um modo de vida difícil, com altos padrões de exigência. Já a porta larga alude a um estilo de vida sem altas exigências morais, uma caminho largo, sem dificuldades

Junto com a metáfora da porta, temos a metáfora do caminho, ambas as imagens se complementam: uma vez tomada a decisão (entrando pela porta), o indivíduo seguirá tendo certo modo de vida que o levará a um destino (seguirá pelo caminho).

A ideia de que o caminho é estreito, no texto relaciona-se também com o número de pessoas que andam por ele, “são poucos” os que caminham por ele e encontram a vida, uma imagem tradicional para a salvação, ou o céu.

O caminho espaçoso significa um amplo espaço capaz de receber muitos tipos de pessoas, com inúmeras ideias diferentes sobre os alvos e valores da vida.

Esse caminho comporta muitas pessoas, e “são muitos” os que andando por ele, encontram a perdição, imagem clássica para inferno.

Há indícios de que esta metáfora tenha se fortalecido entre os seguidores de Jesus. Posteriormente, os cristãos primitivos, aqueles que logo após sua morte passaram a reunir-se para o anúncio dos ensinamentos de Cristo e prática de boas obras, eram chamados de aqueles “do Caminho” (Atos 9:2; 19:9, 23; 22:4; 24:14, 22).” Provavelmente a imagem do “caminho” ensinada no Sermão do Monte cumpriu a função de uma metáfora bem sucedida: marcar os ouvintes tornando-se memorável. Tanto que é comum, em certas ordens cristãs, a preferência pelo sofrimento e altos padrões de moral e comportamento.

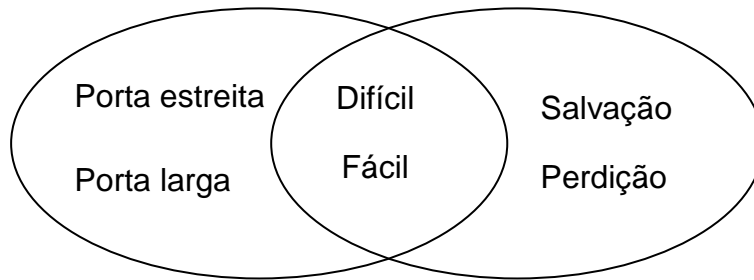
É importante observarmos que o Sermão do Monte não foi o único momento em que as imagens da porta e do caminho foram proferidas por Jesus, em João 10.9 e 14.6, a mesma imagem é enunciada:

Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo. Jo 10.9

Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim. Jo 14.6

Em ambas as passagens, a imagem da porta e do caminho relacionam-se à salvação. Podemos concluir que as metáforas da porta e do caminho tornaram-se de ordem cognitiva, todo o pensamento cristão de conduta e salvação encontra nessa imagem sua expressão adequada.

Assim, identificamos nesta expressão metafórica, que tanto entrar por uma porta estreita como a salvação são processos difíceis. Em contrapartida, entrar por uma porta larga, assim como a perdição são processos fáceis.



Esquema 8: Termos de comparação entre as metáforas porta estreita e porta larga e salvação e perdição.

4.7 Metáforas de dissimulação: Lobos e ovelhas, frutos e árvores

Finalizando a série metafórica do Sermão do Monte, Jesus apresenta quatro metáforas divididas em dois grupos com o mesmo tema: a dissimulação. Entre os versículos 15 e 20 de Mateus 7 temos: falsos profetas vestidos de peles de ovelha, mas que na verdade são lobos devoradores e serão reconhecidos como tais, graças aos frutos que darão, assim como uma árvore.

15 Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.

16 Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?

17 Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins.

18 A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons.

19 Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo.

20 Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão! (Grifos nossos)

4.7.1 Lobos e ovelhas - *λύκοι* e *προβάτων* (lykoi e probatōn)

O sentido das metáforas “pele de ovelhas” e “lobos devoradores” pode apresentar mais de um significado. Seja como for, esse significado, inevitavelmente, estará inserido no contexto da vida pastoral e campestre palestina, já que utiliza imagens comuns à situação de pastoreio.

Champlin (1995, p. 334) alerta para o fato de que a princípio, pode-se ver nas duas primeiras imagens “peles de cordeiros” e “lobos devoradores” uma alusão às vestes dos profetas ou pastores. Os profetas eram reconhecidos por uma espécie de uniforme que os distinguia dentre os outros homens, uma roupa feita com pele de animais “Ele vestia roupas de pelos e usava um cinto de couro” (II Rs 1.8) e citados como aqueles que foram “mortos ao fio da espada. Andaram errantes, vestidos de pele de ovelhas e de cabras” (Hb 11.37). Os pastores, por sua vez, mantinham o hábito de vestirem-se com um saco de pele de ovelha, com a lã para dentro e o couro para fora.

Porém, o comentarista segue observando que Jesus não fala precisamente de roupas, e sim de uma expressão a fim de indicar a natureza da ovelha de ser gentil e mansa. Dessa forma os falsos profetas não necessariamente são os que se vestem como profetas, mas também os que fingem agir como ovelhas, dissimulando suas características, já que “apresentando-se como ovelhas, o lobo consegue intrometer-se entre elas” (CHAMPLIN, 1995, p. 334)

Outra possibilidade pode ser vista aqui, a ideia de um falso profeta que come a carne das ovelhas.

“O profeta falso pode até viver literalmente das ovelhas (dinheiro), comendo assim a sua carne e vestindo-se com sua lã. O Didachê (ensino dos apóstolos) refere-se a certas pessoas intitulado-se como comerciantes de Cristo, pois da religião de Cristo fazem um meio de vida, um meio de ganhar dinheiro como se fora qualquer negócio. (CHAMPLIN, 1995, p. 335)

Segundo esta interpretação, o falso profeta seria aquele que se aproveita das ovelhas, vivendo à custa delas.

Notamos então três sentidos para a metáfora dos lobos em peles de ovelhas: Aqueles que se vestem com sua pele para passarem por profetas; aqueles que dissimulam a natureza das ovelhas para intrometer-se entre elas, e aquele que se aproveita das ovelhas, como um mercenário.

Apesar de pertencerem ao mesmo contexto: o pastoral, as três interpretações são distintas e conferem significados plurais à mesma imagem, temos, portanto uma exemplificação da plurivocidade das metáforas mesmo havendo um contexto muito claro que as cerca.

A imagem de lobo, na tradição judaica sempre remeteu ao salteador e ao aproveitador, conotando uma imagem extremamente negativa. Barclay (1958, p.304) ressalta que "Na pior época de Israel, Ezequiel havia dito: "Os seus príncipes no meio dela são como lobos que arrebatam a presa para derramarem o sangue, para destruírem as almas e ganharem lucro desonesto" (Ez.. 22:27).

Outro exemplo da imagem negativa que o lobo tem para o entendimento judaico pode ser observado quando Paulo, ao despedir-se dos anciãos de Éfeso, oferece-lhes sua última advertência contra os perigos que podia encerrar o futuro, e diz-lhes: "Porque eu sei que depois de minha partida entrarão em meio de vós lobos vorazes, que não perdoarão ao rebanho" (Atos 20: 29).

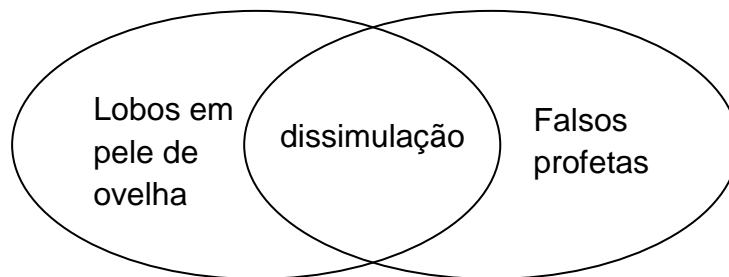
Jesus também usou a imagem do lobo ao enviar seus discípulos para o anúncio de sua mensagem dizendo que os enviava como a ovelhas em meio de lobos (Mateus 10:16). Em outra ocasião, apresentou-se como o Bom Pastor que protege com sua vida a segurança do rebanho contra o ataque e destruição do lobo:

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. O assalariado não é o pastor a quem as ovelhas pertencem. Assim, quando vê que o lobo vem, abandona as ovelhas e foge. Então o lobo ataca o rebanho e o dispersa. (João 10.11,12).

Notoriamente, inserido em um contexto pastoril, a imagem do lobo significava alguém mau, disposto a destruir. Certamente era uma imagem que todos podiam reconhecer e compreender.

Dessa forma, as metáforas aqui destacadas expressam uma função extremamente reflexiva por fazer parte do contexto imediato dos ouvintes e por isso, permite que o leitor/ouvinte relacione os termos comparados para chegar a um sentido. As associações, conforme vimos, são plurais.

Podemos, no entanto, identificar como elemento comparativo entre a expressão metafórica “lobo em pele de ovelha” e os falsos profetas a dissimulação.



Esquema 9: Termos de comparação entre a metáfora lobos em pele de ovelha e falsos profetas.

4.7.2 Árvores e frutos - *δένδρον* e *καρπον* (dendron e karpōn)

A metáfora relacionada aos falsos profetas continua, agora saindo do contexto pastoral para o contexto agrícola. Segundo Jesus, os falsos profetas serão reconhecidos por seus frutos, assim como árvores.

16 Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?

17 Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins.

18 A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons.

19 Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo.

20 Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão! (grifos nossos)

Champlin (1995, p.337) ressalta que a verdadeira natureza de qualquer coisa, seja uma árvore, seja um homem fica patente pelos frutos, por isso a associação feita por Jesus assemelha homens e árvores. Novamente a plurivocidade se destaca, a metáfora do fruto tem recebido tradicionalmente, segundo Champlin três interpretações principais: os ensinamentos dos falsos profetas; as obras dos falsos profetas e a combinação dos ensinamentos e obras dos profetas falsos. Assim os frutos pelos quais os impostores seriam reconhecidos poderia se referir tanto a suas ações como a suas palavras, ou ambas as coisas. (CHAMPLIN, 1995, p.338)

Nestas imagens, as metáforas “árvore boa” contrastando com “árvores ruins” ilustram a semelhança entre indivíduos cuja essência é completamente diferente. Apoiando-se no próprio desenvolvimento da metáfora, “árvore boa” e “árvore ruim” são idênticas, só sendo possível conhecer a diferença pela observação de “frutos”, ou seja, por meio daquilo que produzem esses indivíduos. Essas ações revelariam a verdadeira essência de tais pessoas.

A comparação entre pessoas e árvores e entre suas ações e frutos encontra uma espécie de clímax diante do questionamento “Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?” (v.16)

Barclay considera a tradição filosófica da época para analisar esta metáfora.

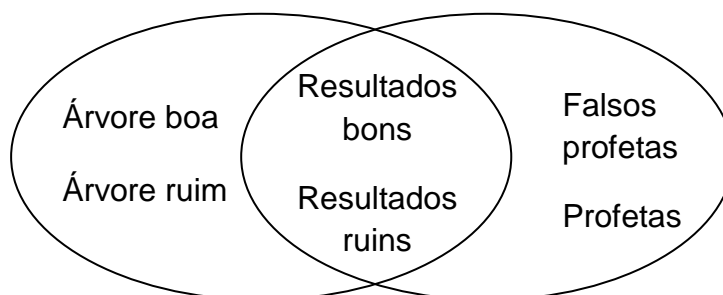
Os judeus, como os gregos e os romanos, pensavam que a árvore pode ser conhecida pelos seus frutos, "Conforme seja a raiz, assim será o fruto", dizia um provérbio grego-romano. É do filósofo estoico grego Epicteto a máxima: "Como poderia a videira crescer não como videira, mas sim como oliveira, ou como poderia a oliveira crescer não como oliveira, mas sim como videira..." (Epicteto, Discursos 2:20). Sêneca usou a mesma associação ao declarar que o bem não pode provir do mal, assim como o figo não pode vir de uma oliveira. (BARCLAY, 1958, p.306)

Podemos dizer que esta imagem metafórica: “homens são árvores frutíferas”, tem seu termo comparante explícito o que permite certa univocidade com relação a seu sentido

É pertinente atentarmos ainda para detalhes que reforçam o sentido do disfarce que certas pessoas podem pretender entre os discípulos. Jesus pergunta ainda se se tiram uvas dos espinheiros, esse questionamento, embora, aparentemente sem sentido aos leitores atuais tem sua base nas plantas espinhosas palestinas que tinha um fruto preto, redondo e pequeno, muito parecido com pequenas uvas. Jesus também pergunta se as ervas daninhas dão figos. Sabe-se que havia um tipo de cardo cujo fruto, pelo menos a certa distância, podia confundir-se com um figo. O ensino que se extrai destas semelhanças complementa o que foi dito anteriormente: a essência das pessoas só é percebida por suas ações e nunca por sua aparência. É possível que haja uma semelhança superficial entre o verdadeiro e o falso profeta.

Como nas imagens anteriores, apresentam-se aqui metáforas de alusão à dissimulação. O falso profeta pode vestir-se como um profeta verdadeiro e falar como um profeta. Seguindo essa linha de raciocínio, um espinheiro pode dar frutos parecidos com uvas ou figos, mas ninguém poderá se alimentar deles, por serem apenas dissimulação do verdadeiro.

Identificamos como elemento comparativo entre a expressão metafórica “árvore boa” e os verdadeiros profetas os bons resultados. A relação de comparação entre a “árvore ruim” e os falsos profetas são os resultados ruins.



Esquema 10: Termos de comparação entre as metáforas árvore boa e árvore ruim e profetas falsos e verdadeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as metáforas do Sermão do Monte em relação às suas possibilidades interpretativas, pudemos observar que as teorias da interpretação da metáfora, embora por vezes conflitantes, podem ser complementares. Notamos que cada abordagem interpretativa, mesmo considerando aspectos distintos da significação e função da metáfora, encontra espaço junto à análise dessa figura de linguagem.

Não podemos desconsiderar a visão retórica da metáfora que privilegia seu caráter estético enxergando-a apenas como um efeito discursivo capaz de expressar de modo mais atraente a realidade circundante. Apesar de a metáfora ser mais do que uma figura estética da linguagem, ela não deixa de ser bela e persuasiva.

Quanto à significação, os retóricos a entendem traduzível, capaz de ser desmontada, visto que se trata apenas de um jeito mais belo de se dizer uma mensagem perfeitamente literal. “Do ponto de vista aristotélico, uma metáfora é interpretada com sucesso quando ela é desmontada, traduzida para a fala literal e, conseqüentemente, reduzida para a linguagem literal básica” (Vanhoozer p. 156). Isto, embora seja uma visão redutiva da metáfora, também não deixa de ser observado, visto que o grande desafio da metáfora para o leitor é enfim descobrir o que significa e que literalidade carregaria.

Com a análise das metáforas do Sermão do Monte, esses aspectos retóricos puderam ser observados, como no caso da afirmação “vocês são a luz do mundo”, não se pode negar que o uso dessa metáfora deixou mais estética a afirmação, ou que a mesma teria uma similar literal que, entre outras, poderia ser “Exponham boas ações na sociedade.”

Vimos que a visão semântico-linguística da metáfora, em distinção à retórica não a considera do ponto de vista lexical ou mesmo frásico. Na sua perspectiva, a metáfora não é apenas ornamento e sim uma questão hermenêutica que se aprofunda para além do código e busca suas relações dos contextos, que resultam em possíveis significados.

As metáforas do Sermão do Monte além de esteticamente persuasivas, também contemplam este aspecto dos significados atrelados aos contextos. Vimos que a interpretação hermenêutica de metáforas como “vocês são o sal da terra.”, pauta-se quase que exclusivamente no contexto em que se dão, assim, para cada contexto, um significado novo pode surgir.

A visão cognitiva da metáfora também encontra plausibilidade e representação na análise das metáforas do Sermão do Monte. Este pensamento que valoriza a metáfora para além de um fenômeno linguístico de qualquer natureza enxergando-o como um acontecimento cognitivo, vê a metáfora como parte integrante e indissociável de qualquer pensamento. Para esta abordagem, os conceitos são imagináveis, e por isso metafóricos. É o que vimos, por exemplo, na metáfora “Vocês os reconhecerão por seus frutos.” A ideia de que as ações de um indivíduo são frutos é uma metáfora conceitual, afinal é comum, quando queremos nos referir a resultados, usarmos a imagem do fruto como exemplo.

Além do enfoque sobre o tipo de abordagem à metáfora, vimos também os valores comunicativos das mesmas. Em qualquer definição de metáfora, retórica, semântica ou conceitual, esta figura de linguagem evidencia valores como ser didática e reflexiva. Didática, por concentrar muita informação em uma só expressão, e assim, torna-se facilmente memorável e possível de ser reproduzida. Reflexiva porque exige envolvimento entre o autor da metáfora e seu ouvinte, visto que o contexto imagético precisa ser o mesmo para ambos, o ouvinte passa a refletir, a partir de seu contexto, a respeito do significado da metáfora.

Estas pesquisas introdutórias serviram para embasar o objetivo principal desta dissertação que foi analisar as metáforas presentes no Sermão do Monte. Para isto, analisamos a relação entre o texto bíblico e a literatura, ressaltando o quanto essas duas áreas de estudo se complementam ao analisarmos o texto bíblico inserido em seu gênero textual específico que exerce função enquanto literatura.

Observamos que houve, no decorrer da história tradicional hermenêutica, tentativas distintas de interpretar a metáfora bíblica que ora consideravam sua função linguística ora dispensavam-na em virtude de fatores místicos. Esse sempre foi o “pêndulo hermenêutico” sobre o qual viveu a interpretação da metáfora bíblica.

E, nesse aspecto, encontramos a discussão principal desta pesquisa: É possível descobrir um sentido unívoco para a metáfora bíblica? Ou existiriam muitos sentidos possíveis que a tornariam plurívoca sem possibilidade de tradução? Qual(is) método(s) poderiam ser adotados para a interpretação de metáforas bíblicas?

Diante de tais questionamentos, escolhemos o Sermão do Monte registrado no evangelho de Mateus como objeto de análise e aplicação das teorias pesquisadas. Nele identificamos 18 metáforas, e como se pôde observar, verificamos que a maioria delas sugeriam mais de um significado, sendo portanto, plurívocas.

Listamos essas metáforas em grupos que, segundo nossa interpretação, representavam princípios a serem seguidos e/ou evitados pelos cristãos: Metáforas de exposição: expressando por meio das imagens do sal e da luz, a obrigação de expor suas boas ações na sociedade; Metáforas de intenção que aludiam à finalidade real de cada cristão: o bem ou o mal, por meio da imagem do tesouro e da candeia; Metáforas de hipocrisia que condenavam o julgamento hipócrita comparando-o a imagens como um cisco e uma viga no olho; Metáforas de hostilidade representadas pelas imagens de cães e porcos recebendo pérolas e coisas santas; Metáforas de salvação que relacionavam as imagens de porta estreita com salvação e porta larga com perdição e Metáforas de dissimulação que mostraram profetas falsos tentando se passar por verdadeiros ao usar as imagens de lobos em peles de ovelhas e espinheiros com frutos parecidos com uvas e figos

Essas metáforas assinaladas nas perspectivas de intenção, salvação, hipocrisia, dissimulação, hostilidade e salvação deixam implícitas provocações que requerem ações do sujeito que as escuta. Essas ações podem ser o ato da reflexão pela peculiaridade da metáfora, ou até mesmo uma tomada de decisão que altere o modo de agir das pessoas. De qualquer forma, um movimento deverá ser feito, de pensamento e/ou atitudes.

A consideração mais importante que poderíamos citar aqui é que o conceito de plurivocidade não implica ausência de significado ou significados infinitos. Observamos que cada metáfora do Sermão do Monte estava circundada por um contexto de enunciado, a começar pelo fato de estarem inseridas em um sermão, gênero textual didático-prescritivo que tem por objetivo orientar padrões de

comportamento. Esse fato já nos limitaria enquanto contexto, se se tratasse de poesia, manifesto ou qualquer outro gênero, as possibilidades interpretativas provavelmente seriam outras.

Além do tipo de texto, temos as informações do próprio texto com relação à circunstância de anúncio do sermão e os expectadores das metáforas. Tudo isso sem levantar a questão da crítica textual de autoria e fonte dos escritos.

Os contextos a que as metáforas pertenciam giravam em torno da agricultura, pecuária, costumes antigos religiosos e arquitetônicos, logo as possibilidades de significação das metáforas deveriam girar em torno dos costumes antigos.

As metáforas do Sermão do Monte são plurívocas, porém com sentidos norteados pelos contextos em que estão inseridas. Não há possibilidade de univocidade e, portanto de traduzibilidade dessas metáforas. Podemos falar em significados e não em um único sentido para estas figuras de linguagem.

As metáforas na bíblia remetem à perspectiva de um olhar literário, que poderia, em certo sentido, contrapor-se aos sentidos dogmáticos já reiteradamente descritos nos estudos bíblicos. O presente trabalho, propõe, uma análise dos sentidos unívocos e plurívocos das metáforas a fim de perceber a vitalidade literária do texto bíblico e refletir sobre as muitas possibilidades interpretativas dos relatos bíblicos, no caso o Sermão do Monte.

Buscamos com essa análise uma forma de ressignificação das metáforas do Sermão do Monte e exposição das possibilidades de interpretação que resgatam a profundidade e a permanência do texto bíblico, possuidor de uma presença seminal nos mais diferentes contextos de sua recepção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTER, Robert e KERMODE, Frank (Organizadores). *Guia Literário da Bíblia*. Tradução Raul Fiker; revisão de tradução Gilson César Cardoso de Souza. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997

ALTER, Robert. *Em espelho crítico*. Tradução de Sérgio Medeiros e Margarida Goldsztajn. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *A Arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

ANGIONI, L. (trad.) (2007) *Metafísica* - Livros IV e VI. Cadernos de Tradução. . Campinas: UNICAMP.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução a hermenêutica reformada: Correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos*. Ananindeua: KNOX Publicações, 2006.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. 2º ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1980

ARISTÓTELES. *Poética*. trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Os pensadores V. 4)

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, *Perspectiva*: 2001

BACKES, Marcelo. *A literatura que bebe da fonte bíblica: entrevista*. [3 de outubro de 2008]. Revista do instituto humanitas unisinos on-line. ISSN 1981-8793. Disponível em : <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/16905-a-literatura-que-bebe-da-fonte-biblica-entrevista-especial-com-marcelo-backes>. Data de acesso: 15/05/2015

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Para uma filosofia do ato*. Texto completo da edição americana *Toward a philosophy of the Act*. Trad. Carlos Alberto Faraco e

Cristóvão Tezza. Austin: University of Texas Press, 1993.

_____. *Estética da criação verbal* / [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2ª ed. —São Paulo Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior)

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo. Editora: Hucitec. 12ª Edição. 2006.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARCLAY, William. *The Gospel of Matthew*, Volume 1. Tradução de: Carlos Biagini Westminster John Knox Press, 1958

BEEKMAN, John, CALLOW, John. *A arte de interpretar e comunicar a palavra escrita – técnicas de tradução da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova. 1992

BELLAN, Zezina Soares. *Andragogia em Ação: Como Ensinar Adultos Sem se Tornar Maçante*. Santa Bárbara d'Oeste, SP: SOCEP Editora, 2005

BENVENISTE..O *aparelho formal da enunciação*. In: _____. Problemas de linguística geral II. Campinas: Pontes. 1970

BERKHOF, Louis. *Princípios de interpretação bíblica*. Rio de Janeiro: JUERP, 1981

BERGER, Klaus. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Hermenêutica do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1999

BÍBLIA DE ESTUDO, N. V. I. Editora Vida. São Paulo, 2003.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CABEL, John B. e WHEELER Charles B.. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 1993, 2ª edição 2003. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves.

CARSON D. A., MOO, Douglas J. & MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*, Edições Vida Nova, 1997

CARVALHO. Sérgio N. de. *A metáfora conceitual: uma visão cognitivista*. In: VII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, número 12, 2003. UFRJ. Anais... Rio de Janeiro, 2003.

CHAMPLIN – Russel Normam. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo Candeia, 1995

CORACINI, Maria José. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*..São Paulo: Educ: Campinas: Pontes, 1991

DIAS, Cássio Murilo da Silva. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000 [2ª edição: 2003].

DOMINGUES, Ivan. *Epistemologia das Ciências Humanas. Tomo 1: Positivismo e Hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999. Versão 3.0. 1 CD-ROM.

FERREIRA, João Cesário Leonel. *Estudos Literários Aplicados à Bíblia: dificuldades e contribuições para a construção de uma relação*. Revista Theos. Faculdade Teológica Batista de Campinas. ISSN: 1980-0215, 3ª ed, DEZ, 2006. Disponível em:

http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Artigo_03_03.pdf. Data de acesso: 03/03/2015

_____. 2007. *Teoria literária e o Evangelho de Mateus: o papel do gênero literário e do narrador na economia narrativa*. In. Ciências da Religião – história e sociedade, volume 5, nº 2, p. 10-31. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr/article/viewFile/484/300>. Acessado em 10/06/2015.

_____. *A Bíblia como Literatura - Lendo as narrativas bíblicas*. Palestra proferida em 10 de maio de 2008 no 14º. Seminário em diálogo com o pensamento de Paul Tillich: Religião, Teologia, Literatura, cujo texto sofreu ligeiras alterações.

FILIPAK, F. *Teoria da Metáfora*. Curitiba, HDV, 1983

FINGER , Ingrid. *Metáfora e significação*. Porto Alegre, EDIPUCRS.1996

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática,1990.

GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia: ensaios de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal*; trad. Bênoni Lemos – São Paulo: Paulus, 1995.

HUB, Bible. Mateus - Interlinear grego. 2004. Disponível em: <http://biblehub.com/interlinear/matthew/1.htm>. Data de acesso: 12/02/2015.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1989

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. Trad.: João Rezende Costa. Revisão: Nélio Schneider. São Paulo: Teológica, 2004

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana* [Coordenação de trad. Mara Sophia Zanotto]. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: WDUC, 2002 (Coleção As Faces da Linguística Aplicada)

LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LOPES, Augustus Nicodemus, *A Bíblia e seus intérpretes – uma breve história da Interpretação – São Paulo: Cultura Cristã, 2004*

MAGALHÃES FILHO, Glauco Barreira. *Hermenêutica e unidade axiológica da Constituição*. 3. ed. - Belo Horizonte: Mandamentos, 2004.

MAGALHÃES, Antonio . *A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia*. Artigo presente em FERRAZ, S., et al.,orgs. *Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia* [online]. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008

MATOS, Alderi Souza de. *Os manuscritos do mar morto*. Centro Presbiteriano de Pós-Graduação ANDREW JUMPER. São Paulo, 2011, disponível em <http://www.mackenzie.br/7141.html>. Data de acesso: 04/06/2015

_____. *As indulgências, a Reforma Protestante e o significado do evangelho*. In: Revista Ultimato. Nº 318 (Maio-Junho 2009) Viçosa: Ultimato. 2009, disponível em <http://www.mackenzie.br/7141.html>. Data de acesso: 04/06/2015

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Traduzido por Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MENDES, Paula. *Metáfora*. In: E-Dicionário de Termos Literários. Coord. de Carlos Ceia. 2010. ISBN: 989-20-0088-9 disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/edtl>. Data de acesso: 25/01/2015.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. Editora Cultrix, 2004.

MORRIS, LL. *Redenção* in: DOUGLAS, J.D. (*O Novo Dicionário da Bíblia*). 3° ed. rev. Editor em português: Russel P. Shedd. São Paulo: Vida Nova, 2006

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1996.

_____ *Introdução*. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES. (orgs.).

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009

PACKER, J.I. *Justificação* in: DOUGLAS, J.D. (*O Novo Dicionário da Bíblia*). 3° ed. rev. Editor em português: Russel P. Shedd. São Paulo: Vida Nova, 2006

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Metáforas Negras*. In PAIVA, Vera Lúcia O. (Org.) *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1986.

PAVIANI, Jayme. *Fundamentos da semântica*. Porto Alegre: Universidade Caxias do Sul-Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1976

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. (Eds.) *Comentário bíblico Moody*. 5 v. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1983.

RENGEL, Lenira Peral. *Corponectividade – comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação*. 2007. 161 f. Tese (doutorado em comunicação e semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Bíblico Histórico Cultural do Novo Testamento*. Trad. de: Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad.: Dion D. Macedo. São Paulo: Loyola, 2000

_____. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004.

_____. *A Hermenêutica bíblica*. São Paulo: Edicoes Loyola, 2006.

RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus: comentário esperança*. Trad. de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

STOTT, John RW. *Contracultura cristã*. São Paulo: ABU, 1981.

TASKER, R. V. G.. *Mateus: Introdução e Comentário*, trad. Odayr Olivetti, 20 vols., Série Cultura Bíblica, vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1980.

VANHOOZER, Kevin J. *Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. São Paulo: Editora Vida, 2005.

WALTERS, G. *Santificação* in: DOUGLAS, J.D. (*O Novo Dicionário da Bíblia*). 3° ed. rev. Editor em português: Russel P. Shedd. São Paulo: Vida Nova, 2006

ZANOTTO, Mara ST. *Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora*, In PAIVA, Vera Lúcia O. (Org.) *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.13-38.

ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia*. Trad. César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994

ANEXO

Mateus capítulo 5

1 Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele,

2 e ele começou a ensiná-los, dizendo:

3 Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus.

4 Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.

5 Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança.

6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos.

7 Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia.

8 Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus.

9 Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.

10 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus.

11 Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês.

12 Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.

13 Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens.

14 Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte.

15 E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa.

16 Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.

17 Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir.

18 Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra.

19 Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus.

20 Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus.

21 Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: “Não matarás” e “quem matar estará sujeito a julgamento”.

22 Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: “Racá”, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: “Louco!”, corre o risco de ir para o fogo do inferno.

23 Portanto, se você estiver apresentando sua oferta diante do altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você,

24 deixe sua oferta ali, diante do altar, e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta.

25 Entre em acordo depressa com seu adversário que pretende levá-lo ao tribunal. Faça isso enquanto ainda estiver com ele a caminho, pois, caso contrário, ele poderá entregá-lo ao juiz, e o juiz ao guarda, e você poderá ser jogado na prisão.

26 Eu lhe garanto que você não sairá de lá enquanto não pagar o último centavo.

27 Vocês ouviram o que foi dito: “Não adulterarás”.

28 Mas eu lhes digo: Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração.

29 Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno.

30 E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno.

31 Foi dito: “Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio”.

32 Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério.

33 Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados: “Não jure falsamente, mas cumpra os juramentos que você fez diante do Senhor”.

34 Mas eu lhes digo: Não jurem de forma alguma: nem pelos céus, porque é o trono de Deus;

35 nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei.

36 E não jure pela sua cabeça, pois você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo.

37 Seja o seu “sim”, “sim”, e o seu “não”, “não”; o que passar disso vem do Maligno.

38 Vocês ouviram o que foi dito: “Olho por olho e dente por dente”.

39 Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra.

40 E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa.

41 Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas.

42 Dê a quem lhe pede, e não volte as costas àquele que deseja pedir-lhe algo emprestado.

43 Vocês ouviram o que foi dito: “Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo”.

44 Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem,

45 para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos.

46 Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso!

47 E se saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso!

48 Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês.

Capítulo 6

1 Tenham o cuidado de não praticar suas “obras de justiça” diante dos outros para serem vistos por eles. Se fizerem isso, vocês não terão nenhuma recompensa do Pai celestial.

2 Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu lhes garanto que eles já receberam sua plena recompensa.

3 Mas quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita,

4 de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará.

5 E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa.

6 Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está em secreto. Então seu Pai, que vê em secreto, o recompensará.

7 E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos.

8 Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem.

9 Vocês, orem assim: Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome.

10 Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.

11 Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia.

12 Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.

13 E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

14 Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará.

15 Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas.

16 Quando jejuarem, não mostrem uma aparência triste como os hipócritas, pois eles mudam a aparência do rosto a fim de que os outros vejam que eles estão jejuando. Eu lhes digo verdadeiramente que eles já receberam sua plena recompensa.

17 Ao jejuar, arrume o cabelo e lave o rosto,

18 para que não pareça aos outros que você está jejuando, mas apenas a seu Pai, que vê em secreto. E seu Pai, que vê em secreto, o recompensará.

19 Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam.

20 Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam.

21 Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.

22 Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz.

23 Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são!

24 Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro[38].

25 Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa?

26 Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas?

27 Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida?

28 Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem.

29 Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles.

30 Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé?

31 Portanto, não se preocupem, dizendo: “Que vamos comer?” ou “Que vamos beber?” ou “Que vamos vestir?”

32 Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas.

33 Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.

34 Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal.

Capítulo 7

1 Não julguem, para que vocês não sejam julgados.

2 Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês.

3 Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?

4 Como você pode dizer ao seu irmão: “Deixe-me tirar o cisco do seu olho”, quando há uma viga no seu?

5 Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.

6 Não dêem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão.

7 Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta.

8 Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta.

9 Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra?

10 Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra?

11 Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhes pedirem!

12 Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas.

13 Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela.

14 Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram.

15 Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.

16 Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?

17 Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins.

18 A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons.

19 Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo.

20 Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!

21 Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

22 Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?

23 Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.

24 Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha;

25 e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.

26 E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia;

27 e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

28 Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina;

29 porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.